EDIÇÃO da
NOVA ÉRA
a Liahona
JULHO DE 1960

a liahona

JULHO DE 1960

VOL. XIV — N.º 7

Orgão Oficial das Missões Brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Neste Número

EDITORIAL

O Começo de uma Nova Era, Presidente Wm. Grant Bangerter 200

DE INTERÊSSE GERAL

A Nova Era, Elder Gert F. Folz 203
"A Êles, os do Último Vagão, Presidente J. Rueben Clark 206
Fé, Essa Conquistadora, James A. Little 208
Modéstia: Distintivo de uma Senhora, Elder Hugh B. Brown 212
Um Tributo aos Pioneiros Mórmons 214
"Porque Todos Deveriam Se Interessar por Genealogia, Elder A. O. Dittrich 227
A Nova Era e a Construção de Capelas 229
Reconhecimentos na Missão Brasileira do Sul 233
A Casa das Janelas Douradas 235

SEÇÕES ESPECIAIS

A Igreja no Mundo 199
Jóias do Pensamento, Elder Sterling W. Sill 199
Eu Gostaria de Saber, Presidente Joseph Fielding Smith 204
Sacerdócio nas Missões 220
Suplemento da Lição para os Mestres Visitantes do Ramo 226
Meu Testemunho 230
Seu Ramo 232
Reminiscências 234

Aceitamos suas contribuições mas não nos responsabilizamos pelos artigos não solicitados.

REDAÇÃO

Editores — Wm. Grant Bangerter, Asael T. Sorensen

Redatores — S. Layne Shockley, Sherwin W. Jamison

Diretor Gerente:
Clarel Mafra dos Santos

Registrado sob o N.º 93 do Livro B, N.º 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras, Jornais e Periódicos, conforme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930.

PREÇOS:

Exterior: Ano ..... US$ 3,50
No Brasil: Ano .... Cr$ 150,00
Exemplar: ..... Cr$ 15,00

Missão Brasileira
R. Itapeva, 378 - Bela Vista - C. Postal 862 - S. Paulo, E.S.P. - Fone: 33-6761

A IGREJA NO MUNDO

Brigham Young Conquista "Denominação Famosa"

Notícias de New York informam a indicação do nome de Brigham Young, o Líder Pioneiro Mórmon, à Galeria da Fama Para Americanos Ilustres, a ser eleita em 1960, na Universidade de New York.

Uma relação de 242 nomes será posta em votação, sendo selecionados no máximo sete candidatos. Os resultados serão conhecidos do público em 1.º de novembro.

Destaca-se nessa relação, um grupo seleto de americanos ilustres do passado, do qual participam, o poeta Joyce Kilmer, os presidentes Andrew Jackson, William McKinley, James Knox Polk, Calvin Coolidge, William Henry Harrison e Benjamin Harrison, além de muitas outras figuras de nomeada nos Estados Unidos.

A Universidade de Brigham Young Promove Excursão À América Do Sul

Membros da Igreja nos Estados Unidos terão oportunidade de excursionar pelos países da América Central e do Sul, sob a orientação de um consumado lingüista e conhecedor do mundo.

O grupo provàvelmente atingirá o Brasil na segunda metade de julho, trazendo como orientador o Dr. Gerrit de Jong, Decano de Arte Pura da Universidade de Brigham Young. Aos brasileiros, o nome do Dr. Jong recordará seu cargo de Diretor do Centro Cultural de Santos nos anos de 1947 e 1948.

A excursão durará uns trinta dias e, além do Brasil, visitarão ainda Trindade e Haiti, bem como os países do México, Guatemala, Panamá, Perú, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai e Venezuela.

Designado Novo Conselheiro na Missão Brasileira

A designação do Elder Marion Kay Hamblin para Segundo Conselheiro da Presidência da Missão Brasileira, foi aprovada pela Primeira Presidência da Igreja. O Elder Hamblin pisou terras brasileiras em 25 de outubro de 1958, e juntamente com os Élderes James Ansel Wilson, Primeiro Conselheiro, e William

(continua na página 201)

Jóias do Pensamento

NUMA FÉ ROBUSTA, UM GRANDE PODER

E certo do discurso pronunciado pelo Elder Sterling W. Sill, Assistente do Conselho dos Doze, na Conferência Geral, anual realizada em abril de 1955.

Há muitas coisas que não compreendemos. Não podemos entender nosso próprio nascimento, crescimento, vida ou morte. Não compeendemos a luz ou a escuridão. Ninguém em mortalidade viu jamais seu próprio espírito. Nós não tínhamos descoberto a circulação do sangue até há uns poucos 300 anos atrás. Mas deve ser óbvio, no entanto, o porque de nos dar, um sábio Pai Celestial, instruções detalhadas estabelecendo os objetivos e os melhores métodos de atingí-los.

Deve ser igualmente óbvio que existem tremendas vantagens numa aceitação completa e numa fé inabalável no evangelho; pois assim como um pai terreno está impossibilitado de conferir os maiores benefícios ao filho que não confia nos seus motivos ou habilidades, assim também, Deus está impossibilitado de conferir as mais proveitosas bençãos sôbre os homens que Nêle não confiam. Um poder enorme vem se juntar a um objetivo definido, sustentado por uma grande fé. Jesus disse: "Se tu podes crer; tudo é possível ao que crê." (Marcos 9:23)

Pode ocorrer inesperadamente algo devastador que torne necessária uma grande fé em Deus, e não se estar, então, em condições de senti-la...

Você não pode alcançar uma grande fé simplesmente se sentando e cruzando as mãos, assim como não pode alcançar grande habilidade musical por adotar semelhante atitude. A fé apenas ilumina nossas vidas quando buscamos a sua luz.

William James, o grande psicólogo disse que "Aquilo que prende nossa atenção determina nossa ação," e uma das coisas infelizes da vida é que algumas vêzes focalizamos nossa atenção nas coisas erradas.

As palavras mais motivadoras e fascinantes da vida são, "Nós cremos em Deus." Nós confiamos Nêle. Acreditamos que Êle conheça Sua obra, e que apesar das falhas humanas. Seus propósitos prevalecerão.

EDITORIAL

O Começo de Uma Nova Era

Pelo Presidente Wm. Grant Bangerter

Em recente conferência geral, o Presidente David O. McKay, Profeta atual nesta dispensação, anunciou que a Igreja estava transpondo o limiar de uma Nova Era de expansão e desenvolvimento. Ao introduzir esta Nova Era à Igreja, o Presidente McKay fêz da seguinte mensagem o seu tema: "TODOS OS MEMBROS DA IGREJA SÃO MISSIONÁRIOS". Êle declarou ainda, que todos os afiliados deveriam atrair à Igreja pelo menos um novo membro por ano.

O Presidente Henry D. Moyle, Segundo Conselheiro do Presidente McKay, falando numa reunião da Igreja em Londres, Inglaterra, em dezembro último, deu ênfase àquelas inspiradas palavras do Profeta da seguinte forma: "Desde que o Presidente McKay introduziu esta Nova Era na qualidade de profeta de Deus, havendo recebido uma revelação maravilhosa, tivemos vivido uma Nova Era. O Presidente McKay na Conferência Geral da Igreja deu uma designação aos membros, a qual estamos a caminho de cumprir, e estamos ganhando impulso no fazê-lo." "Se houvêssemos tomado aquêle encargo em nossos corações, estaríamos computando muito mais de 197 convertidos na Missão Britânica, em dezembro de 1959, porque sòmente os membros da Igreja teriam produzido mais do que isso mensalmente." Na oportunidade falou o Presidente Moyle com uma tal maravilhosa influência que a Missão Britânica, no mês de Dezembro, ultrapassou de muito quaisquer índices de progresso já registrados em meses anteriores.

Esta Nova Era está tomando corpo em muitas terras, porquanto foi-nos notificado o extraordinário crescimento que também ocorre atualmente na Missão Francesa, a qual se encontra agora em condições de batizar mais membros em um mês do que fazia anteriormente em um ano.

Em março último, a Primeira Presidência dirigiu uma mensagem especial aos missionários do Brasil, encorajando-os a grandes esforços e à mais intensa devoção. Êles declararam que a década de 1960 abriu para a Igreja inteira uma Nova Era de progresso, que seria comparada ao grande movimento de conversão da década de 1860. Êles nos incentivaram a dobrar o número de conversos dêste ano, em confronto com o de 1959. Nós alcançamos a compreensão de que quando o Profeta do Senhor fala precisamos ter fé em suas palavras e esforçar-nos consoante elas. Os resultados dessa instrução já se fazem sentir entre os missionários e ramos, pois existe realmente um novo espírito dentro da Igreja no Brasil. Se aparece um visitante na reunião, os membros nunca o deixam escapar. Nossos problemas, atualmente, não se referem a salões de capela semi-vazios, mas a salões que não bastam para acolher todo o povo. Os missionários mal têm tempo de ensinar tôdas as pessoas que lhes são trazidas por membros fiéis. Eis alguns resultados:

No mês de abril passado, mais de 100 membros vieram integrar nossas fileiras, aqui no Brasil, através do batismo. Foram necessários os três meses anteriores, janeiro, fevereiro e março, que pertenciam à Antiga Era, para completar êsse número. Em maio o cômputo de batismos chegou a ultrapassar 180. Desde a organização da Segunda Missão no Brasil, em setembro do último ano, os membros receberam uma responsabilidade quase completa da direção dos Ramos e Distritos. Quanto progresso em relação ao tempo em que os missionários faziam tudo sòzinhos. Êstes fatos são evidência de que o Brasil não é mais um posto avançado da Igreja, a qual estabeleceu-se aqui, nesta bonita e amável terra, em todo o seu poder e majestade.

Agrada-nos recordar que coincidindo com esta Nova Era da Igreja, o próprio Brasil introduziu-se em uma Nova Era com a inauguração de Brasília, sua nova capital. Combinemos pois, o espírito dêstes dois grandes eventos para que a influência de um renascimento possa fazer crescer o reino de Deus até que a "Terra se encha com o conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar."

Elder Marion Kay Hamblin

Elder José Evangelista de Souza

(continuação da página 199)

Grant Bangerter, Presidente da Missão Brasileira, servirá em seu novo chamado. Êle virá suceder o Elder Joseph Larry Memmett de Colonia Dublan, Chihauhau, México, que retornou a seu lar.

O novo Segundo Conselheiro é filho do Sra. Burma Sherwood Hamblin, de Eager, Arizona. Antes de sair para missão freqüentava o Eager First Ward, na estaca de St. Johns, onde era ativo nas auxiliares e no Sacerdócio Aarônico e de Melquizedec. Completou dois anos de estudo na Universidade de Brigham Young, sendo graduado pelos Seminário.

Desde sua chegada no Brasil, o Elder Hamblim tem se dedicado aos Distritos de Rio de Janeiro e Rio Claro. Em novembro de 1959 êle e seu companheiro iniciaram na cidade de Uberaba, estado de Minas Gerais, o trabalho de proselitismo. Êle vem servindo desde março último, como Elder Supervisor Viajante.

Novos Conselheiros Escolhidos

Sob a direção da Presidência da Igreja, o Dr. José Evangelista de Souza foi designado pelo Presidente Asael T. Sorensen como seu primeiro conselheiro da Presidência da Missão Brasileira do Sul.

O Irmão Souza é o segundo brasileiro a ser chamado para servir nesta alta posição na Presidência da Missão. Alfredo Lima Vaz, do ramo de Campinas, serviu nesta mesma posição com o Presidente Sorensen em 1956. Também é interessante lembrar que Urban Haws, norte americano, que trabalhou a muitos anos no Brasil, na companhia Sears em São Paulo, serviu como primeiro conselheiro, na presidência, com o Presidente Sorensen em 1954 e 1955.

O Dr. Souza é um converso à Igreja. Foi encontrado pela primeira vez por duas missionárias — Sisters Joan Burnham e Sebastiana Guine — que iniciaram-no estudo do Evangelho. Por meio de estudo e oração do Livro de Mórmon êle ganhou um firme testemunho do Evangelho Reataurado. Desde seu batismo em março de 1956, tem sido um firme defensor e promulgador do Evangelho. Êle serviu como presidente do Ramo de Curitiba, e com a nova organização da Missão Brasileira do Sul foi apoiado Presidente do Primeiro Quorum dos Élderes.

Nasceu no norte do Brasil, no dia 24 de setembro de 1909, na cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, e é o terceiro de sete filhos que nasceram dos pais, Francisco Evangelista de Souza e Francisca Maria de Lima.

Formou-se em Medicina e terminou os preparatórios da faculdade de medicina da Universidade do Brasil do Rio de Janeiro, onde foi doutorando em 17 de dezembro de 1934. Casou-se com Ademarina Ritz de Souza em 25 de janeiro de 1934 e foram abençoados com duas filhas.

Iniciou sua carreira como doutor em medicina na clínica do antigo distrito de Estiva de Pouso Alegre, no Estado de Minas Gerais. Sendo o único médico na cidade, tratou

tôda a espécie de doenças e acidentes, e por causa de sua grande habilidade atraíu a atenção do govêrno e assim foi convidado a aceitar uma posição no Serviço Nacional de Saúde voltando à Universidade para especializar-se em febre amarela em 1943. Desde esta época encontrou-se trabalhando no Departamento Nacional, tornando-se indiferente às religiões, sendo um inconformado espírito sem paz, sempre em busca da verdade, para encontrar aquela paz de espírito que eliminaria as dúvidas, e para encher-lhe o coração de doce ventura que vem por intermédio do Espírito Santo

Nas suas próprias palavras, êle falou, "Durante 46 anos eu vivi na dúvida, na incerteza, na angústia dos materialistas, na indiferença dos inúteis, na incoerência dos ateus, procurando a verdadeira religião de Jesús Cristo e examinando-as para decepcionar-me em seguida, pois em tôdas elas os homens haviam feito desaparecer todos os verdadeiros princípios e ordenanças do cristianismo.

"Naquêle ano de 1956 o Senhor enviou à minha residência os seus ministros verdadeiros que possuem o verdadeiro Sacerdócio, aquêles que não recebem paga para ensinar o Evangelho de Jesús Cristo, que não negociam os sacramentos, que não praticam cerimônia em qualquer de suas formas mas que possuem o verdadeiro conceito da trindade, que praticam o amor ao próximo como a si mesmo, que vivem todos os mandamentos, que salvam os que crêem porque os afastam dos vícios e da conseqüênte ruína. Eu reconheci os ministros do Senhor pelos caracteres que expús acima e pela virtude do Espírito Santo que me deu um testemunho das verdades que êles me ensinaram. Eu fui batizado na Igreja de Jesús Cristo dos Santos dos Últimos Dias e caíram dos meus olhos espirituais as dúvidas que me angústiavam, e a minha alma encheu-se de paz e serenidade porque o Evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquêle que crê".

Dr. Souza, por causa da sua grande sabedoria e experiência, firme testemunho e dedicação à causa do Senhor, vem à presidência da Missão bem qualificado para servir neste cargo. Êle trabalhará mais com as Presidências dos Ramos e dos Distritos ajudando-as a solucionar seus problemas.

ELDER NORD LORAN GALE foi nomeado como segundo conselheiro, e por autorização da Primeira Presidência foi designado pelo Presidente Sorensen para servir na Presidência da Missão Brasileira do Sul.

Elder Nord Loran Gale

Elder Gale é filho do Irmão e da Irmã Milo Gale, e foi chamado como missionário pelo Ramo de Perris da Estaca de Mt. Rubedoux na Califórnia, onde era muito ativo na A.M.M. e na Escola Dominical. Foi escolhido como o orador da classe graduada do colégio de Hemet, em 1955, e tornou-se membro da Federação Escolar da Califórnia. Enquanto freqüentou a Universidade da Califórnia, êle trabalhou como contador num banco. Contribuiu muitas horas no plano de bem estar da Igreja, trabalhando na grande fazenda que pertence à Igreja, no sul da Califórnia. Êle pretende formar-se em medicina após completar sua missão no Brasil.

O Presidente Gale chegou ao Brasil em março de 1958 e trabalhou em muitos ramos nos estados de São Paulo, Santa Catarina, e Paraná. Já serviu como Presidente do Ramo, Elder Supervisor Viajante, Guarda Livros da Missão e Secretário da Missão. Durante os muitos meses que êle trabalhou nas cidades onde havia muitos alemães, aperfeiçoou-se no uso da língua alemã, tanto como a língua portuguesa. Com sua extraordinária habilidade de aprender uma ou outra, êle agora pode discursar ou prestar seu testemunho em português, alemão, ou na sua língua natal. Elder Gale tem ensinado o Evangelho com eficácia e demonstrou muita capacidade em ajudar os outros missionários a ensinar melhor o Evangelho de Jesús Cristo. Em seu novo chamado viajará pôr tôda a parte da missão para ajudar os missionários e também os membros da Igreja.

NOVA ERA

por Elder Gert F. Folz

Os Santos no mundo inteiro, em mais de 50 missões testificam hoje o cumprimento da profecia feita pelo Presidente David O. McKay. de que a Igreja no mundo inteiro entraria em uma Nova Era de desenvolvimento e progresso.

Também aqui no Brasil, sentímos a forma por que as bênçãos de Nosso Pai Celestial têm sido derramadas sôbre nosso povo. Nestes últimos meses, a Igreja têm crescido como nunca antes na história da missão.

Um grande plano de construções de capelas tem sido elaborado e presentemente está sendo levado a efeito. Em Curitiba, São Paulo e Campinas já estão em fase de construção três belas capelas que serão o orgulho e a satisfação dos membros dessas cidades. Enquanto isto novos prédios têm sido alugados para os Santos se reunirem. Também em cada nova cidade em que Igreja se estabelece, novos terrenos são adquiridos para aquêle propósito.

Podemos perceber que o Senhor tem colocado nos corações dos homens um grande desejo de saber mais sôbre o Seu reino e o plano que Êle prepara ou para a sua salvação, e é com grande alegria e prazer que vêmos como os membros têm participado alegremente dêste trabalho, cumprindo com diligência suas obrigações e deveres concernentes ao erguimento do Reino do Senhor.

Somos felizes em perceber o sentimento dos membros a respeito desta Nova Era, de que não foram chamados para esta grande obra apenas como espectadores mas sim como participantes e cumpridores da palavra.

Não existe trabalho mais nobre e importante do que o de edificar o Reino de Nosso Pai Celestial.

Todos fomos abençoados com o grande privilégio de contribuir para o desenvolvimento e progresso dêste trabalho maravilhoso!

Distritos e Ramos estão organizados ou em fase de organização, tendo sido sua liderança colocada nas mãos de membros locais, deixando finalmente mais tempo para os missionários buscarem novas ovelhas para o rebanho do Senhor. Agora que isso aconteceu, necessário é, que aprendamos as responsabilidades e deveres de nosso cargos, e com humildade demos o melhor de nós mesmos para o progresso e desenvolvimento do Reino de Nosso Pai aqui na terra.

Gostaria de comparar o desenvolvimento da Igreja nêste país, ao de uma criança. Enquanto os missionários dirigiam e faziam tudo, estavámos em estado potêncial em fase de aprendizado e desenvolvimento. Pouco ou nada podiamos fazer nessa época. Agora membros locais, nas organizações, podem fazer muitas coisas mais. Mas para que possamos progredir para que realmente possamos nos tornar fortes, independentes e capazes, necessário é que aprendamos nossos deveres e responsabilidades de uma maneira tôda especial! Cada minúncia, cada pormenor e detalhe de nossas obrigações e deveres, deve ser gravado em nossas mentes de maneira que jamais as esqueçamos. Já viram com que atenção e cuidado uma criancinha brinca e examina suas próprias mãozinhas? Pois é isto mesmo que Nosso Pai Celestial quer que façamos em relação a nossos deveres e aos cargos que ocupamos dentro da Igreja. Necessário é, que de igual forma desenvolvamos nossos talentos, nossa capacidade e nossa inteligência. "Portanto, que agora todo homem aprenda o seu dever e aprenda a agir com tôda diligência no ofício para o qual fôr escolhido. Aquêle que fôr preguiçoso, e o que não aprender o seu dever e não se provar merecedor não será considerado digno de permanecer." (D&C 107: 99-100).

Nosso Pai Celestial escolheu-nos para que decessemos e recebessemos corpos aqui na terra, nesta época, por um propósito sábio e glorioso! Êle dá-nos a oportunidade e o privilégio de trabalharmos na edificação de Seu Reino neste país. Promessas maravilhosas têm sido pronúnciadas sôbre as cabeças dos que assim obram, e bençãos grandiosas estão reservadas aos que forem fiéis e diligentes em seus chamados, até o fim.

Queremos mencionar também o tema com que o Presidente David O. McKay introduziu a Nova Era à Igreja: Cada membro é um missionário. Isto significa claramente que é esperado que cada membro traga pelo menos um novo converso à Igreja, por ano. Êste é o desejo e a vontade de Nosso Pai Celestial.

Faze esta coisa que te ordenei, e hás de prosperar. Se fiél, e não cedas a nenhuma tentação. Permanece firme no trabalho para o qual te chamei, e nem um fio de teu cabelo se perdera, e serás exaltado no último dia, Amem. (D&C 9: 13-14).

JOSEPH FIELDING SMITH

Presidente do Conselho dos Doze

Respondeu à sua pergunta.

Tirado do Improvement Era

EU GOSTARIA DE SABER

CONHECIMENTO DA PRÉ-EXISTÊNCIA

PERGUNTA: Quanto conhecimento tínhamos na pré-existência sôbre esta vida mortal e os requerimentos que nos seriam feitos para viver de acôrdo com os princípios do Evangelho? Em outras palavras, foi o plano do Evangelho explicado a todos, e tiveram todos uma compreensão clara de que êste mundo seria um lugar de provas, e que recompensas e castigos seriam conforme nossa conduta aqui? Ou foi o plano conhecido de sòmente alguns poucos? Propomos esta pergunta porque há tantos milhões de pessoas nascidas neste mundo em circunstâncias adversas onde a possibilidade de escutarem ao plano de salvação é extremamente remota.

RESPOSTA: Apesar de muito pouco ter sido revelado sôbre a pré-existência, e apesar de que a memória de tudo que se passou lá fôsse tirada ao nascermos nêste mundo, existe suficiente revelação da pré-existência para sabermos que o plano de salvação foi explicado a todos; de outra maneira, como poderia ter havido uma rebelião afastando um terço dos espíritos do céu? É verdade que as escrituras antigas, como nós as recebemos contêm a doutrina da pré-existência numa forma meio nebulosa. Isto veio a ser, como Nefi revelou, por que muitas das verdades claras e preciosas foram tiradas pelo poder que Satanás exerce sôbre as almas dos homens. Porém na Bíblia existem ainda algumas passagens que revelam a pré-existência. Em relação ao Salvador, é perfeitamente claro; porém não é tão claro em relação à humanidade. Aqui temos algumas destas passagens:

"Estas são as origens dos céus e da terra, quando foram criados; no dia em que o Senhor Deus fez a terra e os céus, e tôda a planta do campo que ainda não estava na terra, e tôda a erva do campo que ainda não brotava; porque ainda o Senhor Deus não tinha feito chover sôbre a terra, e não havia homem para lavrar a terra". (Gênesis, 2:4-5).

"E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu." (Eclesiastes, 12:7).

"Assim veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Antes que te formasse no ventre te conhecí, e antes que saisses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta." (Jeremias, 1:4-5).

"E passando Jesús, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabí, quem pecou, êste ou seus pais, para que nascesse cego? Jesús respondeu: Nem êle pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nêle as obras de Deus." (S. João, 9:1-3).

"E aos anjos que não guardam o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão, e em prisões eternas até ao juízo daquele grande dia..." (S. Judas, 6).

"E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos; mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; êle foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com êle." (Apocalipse, 12:6-9).

Vemos na profécia de Isaias que o Senhor mencionou **Ciro**, o rei da Pérsia, uns duzentos anos antes de êle nascer. (Isaias 44:28).

Na **Pérola de Grande Valor** muitas das passagens escuras da Bíblia são esclarecidas. As passagens de Gênesis são ampliadas em relação à pré-existência como segue:

"E agora, eis que te digo que estas são as gerações do céu e da terra, quando elas foram criadas, no dia em que Eu, o Senhor Deus, fiz o céu e a terra. E tôda planta do campo antes de estar na terra, e tôda erva do campo antes do seu crescimento; porque, Eu, o Senhor Deus, criei, espiritualmente, tôdas as coisas de que falei, antes que elas fôssem naturais sôbre a face da terra. E Eu, o Senhor Deus, não tinha feito chover sôbre a face da terra. E Eu, o Senhor Deus, havia criado todos os filhos dos homens; e não havia homem para lavrar a terra, porque Eu os havia criado no céu; e ainda não havia carne sôbre a terra, nem na água, nem no ar..." (Moisés, 3:4-5).

Citamos estas passagens para mostrar que havia uma pré-existência em que os espíritos dos homens viviam. Quando o plano de salvação foi apresentado, foi apresentado a **todos**, não sòmente a uns poucos escolhidos. Para a verdadeira compreensão dêste fato dependemos das revelações modernas, onde o conhecimento perdido foi restaurado. No livro de Moisés lemos:

"E eu, o Senhor Deus, falei a Moisés, dizendo: Aquêle Satanás a quem tu mandaste em nome de Meu Unigênito, é o mesmo que existiu desde o princípio; e êle veio perante Mim, dizendo: Eis-me aqui, manda-me e serei teu filho e redimirei a humanidade tôda, de modo que nem uma só alma se perderá, sem dúvida o farei; portanto dá-me a Tua honra. Mas eis que, Meu Filho Amado que foi meu Amado e Meu Escolhido desde o princípio, disse-me: Pai, faça-se a Tua vontade e seja Tua a glória para sempre. Portanto, por causa de Satanás ter-se rebelado contra Mim e ter procurado destruir o livre arbítrio do homem que Eu o Senhor Deus, lhe tinha dado, e também por querer que Eu lhe desse o Meu próprio poder, fiz com que êle fôsse expulso pelo poder de Meu Unigênito. E êle se tornou Satanás, sim, o próprio diabo, o pai de tôdas as mentiras, para enganar e cegar os homens e levá-los cativos à sua vontade, e a todos quantos não ouvirem minha voz." (Moisés, 4:1-4).

O mesmo fato foi revelado a Abraão, que escreveu:

"E havia entre êles um que era semelhante a Deus, e disse àqueles que se achavam com Êle. Desceremos, pois há espaço lá, e tomaremos dêstes materiais e faremos uma terra onde êstes possam morar; e os provaremos com isto, para ver se êles farão tôdas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar; e àqueles que guardarem seu primeiro estado lhes será acrescido; e aqueles que não guardarem seu primeiro estado não terão glória no mesmo reino com aquêles que guardarem seu primeiro estado; e aqueles que guardarem seu segundo estado terão aumento de glória sôbre suas cabeças para todo o sempre. E o Senhor disse: A quem enviarei? E um respondeu semelhante ao Filho do Homem: Eis-me aqui, envia-me. E outro respondeu e disse: Eis-me aqui, envia-me. E o Senhor disse: Enviarei ao primeiro. E o segundo se irritou e não conservou seu primeiro estado; e, naquele dia, muitos o seguiram." (Abraão, 3:24-28).

Destas escrituras aprendemos que nosso Pai convocou um concílio, e apresentou o plano de salvação a todos. Lucífer revoltou-se e desviou um terço dos espíritos que foram precipitados do céu com êle.

Não é a culpa do pai Eterno que hajam tantos milhões pelo mundo inteiro que nascem sem a luz do Evangelho. Bem no começo, Adão foi mandado ensinar o plano de salvação a seus filhos. Isto Adão fêz. Lemos.

"E Adão e Eva abençoaram o nome de Deus, e fizeram saber tôdas as coisas a seus filhos e suas filhas. E Satanás apareceu entre êles, dizendo: Eu sou também filho de Deus, e os mandou dizendo: Não creiam, e êles não creram, e amaram Satanás mais que a Deus. E daquele tempo em diante os homens começaram a ser carnais, sensuais e maus." (Moisés, 5:12-13).

Foi necessário que todos tivessem conhecimento do plano de salvação naquela existência espiritual. De outra maneira não poderia ter havido rebelião contra o plano. E se todos não tivessem o privilégio de aceitar ou rejeitá-lo, não poderia ter existido castigo pela rebelião.

Não é por Nosso Pai querer, que homens nascem em países onde o Evangelho é desconhecidos. Espíritos vêm a êste mundo a fim de receberem corpos de carne e ossos, tabernáculos para êstes espíritos eternos. É por causa da rebeldia dos homens que o conhecimento da verdade não é universal. Há no plano do

(continua na página 228)

"A êles, os do último vagão"

Pelo Presidente J. Reuben Clark, Jr.

No dia 5 de outubro de 1947 — quando se comemorava o centenário da penetração dos pioneiros do grupo de John Taylor, no Vale do Grande Lago Salgado — em Conferência Geral, o Presidente J. Reuben Clark, Jr. proferiu o seguinte discurso qualificado como contribuição clássica à literatura da Igreja:

No limiar do primeiro centenário da penertação dêstes vales por nossos pais e mães, eu quizera, ainda uma vêz, rendêr-lhes louvor em palavras de humilde tributo e gratidão, especialmente aos menores e mais obscuros, aquelas grandes almas, almas majestosas na simplicidade de sua fé e no testemunho vivo da verdade do Evangelho Restaurado. Almas cujo nomes desconhecidos ou olvidados não receberam menção nas páginas da História, mas são profundamente reverenciados, e com muito amor, nos lares de seus filhos e filhas que, de geração em geração, vêm transmitindo a história de sua fé e de suas grandes obras; a história da retidão de seu viver. Almas que trabalharam e trabalharam, oraram e avançaram, batalhando denodadamente.

Não posso omitir sequer uma palavra de louvor ou gratidão, honra ou reverência dedicadas aos grandes homens que lideraram êsses nossos humildes e queridos antepassados. Eram êles, homens poderosos em músculos e cérebro, em coragem e valor, em honestidade e amor à verdade, e que viviam próximos de Deus. Irmãos Brigham e Heber, Wilford e Willard, Charles e os dois Orsons, Parley, John, George, Erastus, Lorenzo, Daniel, Joseph e Jedediah, uma hoste de gigantes, cada qual abençoado com o amor divino do Senhor, com o dom do Espírito Santo que os tornou verda-

deiros líderes, como foi o Moisés do passado. Jamais deixarei, jamais deixaremos de prestigiar cada um dêles com nossa gratidão, por dirigirem a conquista dos desertos, salvando muitas almas. Seus nomes reluzem vivamente naquelas páginas da história, destinadas a registrar sòmente os feitos dos grandes homens que marcaram épocas, — daquêles espíritos escolhidos, sim, escolhidos desde antes da fundação da terra para liderarem as dispensações de Deus — como nossos dirigentes na construção desta que desde antigas épocas foi chamada a Dispensação da Plenitude dos Tempos. Eternidades sem conta os honrarão e cultuarão sua memória.

Mas eu, agora, gostaria de falar algumas palavras sôbre aquêles que marcharam através dos caminhos indicados pelos gigantes que os precediam, alguns nas mesmas companhias em que os líderes se encontravam, outros nas companhias que seguiram no ano posterior, e nos outros anos; êsses que com sua devoção insuperável, fé e heróismo, avançaram sem esmorecimento em direção à sua meta, assim como correm ao mar as águas do rio, até atingirem o vale onde penetraram espalhando-se em tôdas as direções, para que, povoando êste deserto selvagem, fizessem-no frutificar no cumprimento da antiga profecia de que o deserto floreceria como a rosa.

Gostaria de dizer algo sôbre o último vagão de cada uma das fileiras de carroções que rolavam vagarosamente sôbre as superfícies planas, sôbre os desfiladeiros nas montanhas, dentro de precipícios, gargantas estreitas e, finalmente, em terras do vale que destinaram para seu lar. Êste último vagão! Último, porque a junta de bois que o puxava era a menor, a mais fatigada e mais fraca, ou talvez porque os cascos dêsses bois eram os menos resistentes da companhia; último, porque sua coberta era tão velha e tão remendada que desperdiçava horas de consêrto a fim de suportar as tempestades; último, porque a espôsa trazendo no ventre um filho, precisava repousar até o derradeiro momento, quando então a companhia reiniciava a jornada; último, porque o doente e pequenino João, o caçulinha mal alimentado, tinha que ser quase coagido a ingerir a pequena e rude ração, tudo quanto lhes restava; último, porque com todos os seus afazeres, ajudar o pequenino João, cozinhar e limpar a louça da refeição, a mamãe não podia ajudar muito o papai que tinha que juntar, sòzinho, todo o gado e dirigí-lo no labor do dia; último, porque suas orações pela manhã eram um pouco mais longas que as dos outros — êle tinha tantas bençãos para agradecer ao Senhor e algumas outras bem especiais para pedir; bençãos de saúde, fôrça, especialmente para a espôsa, para o pequeno João e para os demais, e então as bençãos para si mesmo, para que sua própria coragem não falhasse. Porém, e acima de tudo, solicitar a benção da fé, fé em Deus e nos irmãos que algumas vêzes pareciam tão distantes. Êles estavam lá na frente onde o ar era claro e limpo e onde tinham uma visão constante da abóbada celeste. Os irmãos tinham, realmente, visto a glória do Senhor, a qual caminhava junto dêles e iluminava o pensamento de suas mentes; Seu espírito os havia guiado e dirigido, em atenção às suplicas dos milhares de Santos que estavam atrás, em Winter Quarters, em Iowa, nos outros estados e mesmo além dos mares, pois os fiéis prostravam suas almas em fervorosa oração ao Deus Todo Poderoso, para que aquêles irmãos pudessem ser inspirados. Os Santos mantinham com seu apôio aquêles irmãos lá da frente, através do estímulo, orgulhando-se dêles e algumas vêzes até elogiando-os. Sabendo serem os irmãos profetas de Deus, os Santos davam-lhes completa confiança, diàriamente, quase em tôdas as horas. Aquêles irmãos viviam no meio dos louvores que partiam dos amigos e dos experimentados e verdadeiros Santos. Raramente suas palavras e suas ações eram postas em dúvida pelos fiéis Santos, pois era assim que os propósitos do Senhor deviam ser levados avante.

Mas lá atrás, no último vagão, nem sempre podiam êles ver os irmãos inspirados lá da frente, e o céu azul geralmente estava cerrado por nuvens de pó da terra. Contudo, dia após dia, êles, os do último vagão, caminhavam para a frente, cançados e esgotados, trazendo os pés doridos. Algumas vêzes, quando desanimavam, eram incentivados pela sua fé de que Deus os amava, o Evangelho Restaurado era Verdadeiro, e o Senhor guiava e dirigia os irmãos lá da frente. Por vezes, êles, no último vagão, divisavam por um instante, quando a fé erguia-se mais alto, as glórias de um mundo celestial, mas êste lhes parecia tão distante que a visão ràpidamente se desvanecia, pois a necessidade, o esgotamento e o sofrimento, e mesmo, algumas vêzes o abatimento, caminhavam tão perto! Quando a visão terminava, seus corações submergiam na dura realidade. Mas êles oravam novamente e continuavam; com pouco louvor, não com muito ânimo, e nunca com elógios. Pois sempre, certamente, havia algo errado com o último vagão ou com os seus aparelha-

(continua na página 223)

Fé, Essa Conquistadora

Por James A. Little

No capítulo anterior, acompanhamos Jacob Hamblin em seu retôrno de São Bernardino, Califórnia, após haver auxiliado no atravessar os comerciantes pelo Utah meridional e Nevada.

Desta viagem êle dirigiu-se a Utah e pouco tempo depois viajava de novo para Salt Lake City, sendo apresentado ao governador do território que o designou Sub-Agente Indígena.

Depois de haver retornado a casa, no Utah Meridional, Jacob Hamblin realizou diversas visitas a tribus de índios. Encerrando a narrativa, no último mês, êle acabava de chegar de uma dêssas visitas. A travessia para casa foi particularmente difícil, devido à neve muito profunda.

CAPÍTULO X

Com os primeiros albores do outono de 1859, voltei a visitar a Cidade do Grande Lago Salgado, quando o Presidente Brigham Young incumbiu-me de fazer nova incursão entre os Moquís, levando comigo o Irmão Marion J. Shelton, a quem havíamos designado para trabalhar entre aquêle povo, aprendendo sua língua e ensinando-o.

Êle me instruiu a deixar com o irmão um dos missionários que já haviam estado comigo entre aquêles índios, durante algum tempo. O Presidente Young deixou também sob a minha custódia o equivalente a sessenta dólares em mercadorias, consistindo de pentes de lã, pás e picaretas, bem como de outros artigos apreciados pelos índios, para distribuí-los de forma a desenvolver entre êles uma boa aceitação.

Eu retornei a casa, e imediatamente iniciei preparativos para levar a cabo estas instruções.

Nossa companhia era composta por Marion J. Shelton, Thales Haskell, Taylor Crosby, Benjamin Knell, Ira Hatch, John W. Young e eu.

Partimos do povoado de Santa Clara a 20 de Outubro. Nada de especial ocorreu em nossa jornada, exceto, certa vez, não encontrarmos água no local suposto. Estavamos já sofrendo sede quando alguns Piutes avistaram nosso fogo e vieram ter conosco. Êles nos informaram onde localizar a água, e na manhã seguinte guiaram-nos até ela.

No dia 6 de novembro já nos encontravamos entre os Moquís. Coabitamos e palestramos com êles durante três dias.

Eu me sentia confuso quanto a quem deixar com o Irmão Shelton, e ansiava por receber manifestação a êsse respeito. Minha mente descançou então sôbre o Irmão Thales Haskell, e eu me dirigi a êle dizendo que era o único em quem podia pensar para permanecer com o Irmão Shelton, mas o irmão já viajava a tanto tempo que eu estava vacilando em falar-lhe sôbre isso.

Êle replicou que era a pessoa indicada, pois antes de deixar sua casa, havia-lhe sido revelado que sôbre sua pessoa recairia a escolha, mas decidira silenciar sôbre o ocorrido.

Despedimo-nos de nossos amigos Moquís e dos Irmãos Shelton e Haskell no dia 10 de novembro, alcançando nossos lares no seguinte dia 25. Êsses irmãos permaneceram no encargo até princípios da primavera, quando retornaram a casa, relatando que os Moquís haviam sido amáveis com êles, mas não lhes permitiram progredir muito nos objetivos de sua missão. Os anciões do povo afirmaram muito enfàticamente que ainda estavam seguros de serem os "Mórmons" que os visitavam, os homens que, profetisaram seus antigos pais, deveriam chegar a êles desde o oeste, para fazer-lhes bem. Entretanto, não adotariam qualquer atitude sem o reaparecimento dos três profetas que conduziram seus pais àquelas terras, dizendo-lhes que permanecessem sôbre os rochedos até seu retôrno, para orientá-los no caminho a seguir.

Sob tais circunstâncias, os irmãos consideraram de bom alvitre retornar à casa.

Na estação outonal de 1860, fui instruído a envidar novos esfôrços para estabelecer missões em algumas aldeias Moquís, e levei comigo George A. Smith, Jr., filho do falecido Presidente George A. Smith.

Partí de Santa Clara em outubro, com uma companhia de nove homens: Thales Haskell, George A. Smith, Jr., Jehiel McConnell, Ira Hatch, Isaac Riddle, Amos Thornton, Francis M. Hamblin, James Pierce, e um índio que atendia pelo nome de Enos. Levávamos provisões para manter-nos em território Moquís durante um ano.

Falando em reunião pública, no dia anterior à partida, afirmei que me dominava um sentimento diferente do que caracterizàra minhas saídas anteriores; algo de anormal estava para acontecer. O que seria, não sabia ainda. Se voltaríamos a ver nossos lares, não me era possível afirmar, mas tínhamos sido indicados para ir aos Moquís, lá permanecendo um ano inteiro, e isso eu o faria se lográssemos alcançar o local.

Chegando ao passo do rio Colorado, voltei a sentir os mesmos tenebrosos pressentimentos de que falàra antes da partida.

Na manhã que precedeu a travessia, os irmãos comentaram que eu havia falado de forma desencorajadora várias vêzes, e por isso, queriam saber se havia alguém na companhia que eu não desejava que prosseguisse.

Assegurei-lhes que desejava que todos seguíssemos, mas sabia que algo muito desagradável viria a suceder, e que muitas ocasiões difíceis nos estavam reservadas.

O jovem George A. Smith falou então: "Você pode contar com uma coisa, eu vou persistir até o fim. Foi para isso que saí de minha casa."

Nós todos atravessamos o rio Colorado com a firme determinação de fazer o possível para executarmos nossa missão.

Ao segundo dia de viagem, a partir do rio, não pudemos encontrar água, conforme préviamos, e nossas parcas provisões estavam quase exauridas.

Lá pelas duas horas da tarde, quatro índios navajos procuraram-nos para informar que se nos dirigíssemos ao ponto de água mais próximo, seríamos todos mortos. Convidaram-nos então a segui-los ao acampamento de Spaneshanks, onde, nos asseguravam, encontraríamos proteção.

Nós confabulamos sôbre o assunto, concluíndo que os animais estavam por demais sedentos para que conseguíssemos atingir o referido acampamento. Se era verdade o que nos diziam aquêles navajos, estávamos arriscados, ao perigo do inimigo caso nos dirigíssemos à nascente, ou a perecer de sêde se tentássemos alcançar o campo de Spaneshanks.

Como a água não estivesse senão a pequena distância, em nossa rota, resolvemos prosseguir até ela e aceitar o risco.

Designei o Irmão Thales Haskell para tomar a frente da companhia e matar a sêde dos animais, pois tendo passado por lá antes, êle estava familiarizado com o terreno. Por precaução, instrui-o a levar nossos animais até o alto de um tabuleiro rochoso onde se encontravam aproximadamente quarenta acres de grama e que só podia ser alcançado através de um estreito passo entre os penedos, o que nos auxiliaria a defender-nos em caso de ataque.

Os navajos estavam-se reunindo ao redor de nós, a êsse tempo, provenientes de diver-

sas direções, e o intérprete índio que nos acompanhava informou-nos de que suas intenções não eram, por certo, as melhores. Eu me determinei a permanecer atrás, com êles, por alguns minutos, e descobrir o que pudesse através do intérprete e por minhas observações. O intérprete deduziu de suas confabulações, que êles estavam decididos a não nos permitir alcançar as aldeias Moquís, mas pareciam indecisos quanto a matar-nos ou deixar-nos voltar para casa.

Nós havíamos levado conosco duas índias, pensando que elas poderiam ser de grande valia no introduzir, entre o povo que visitavamos, coisas tais como asseio no cozinhar, etc. Os navajos disseram que nos deixariam seguir para casa se as deixassemos com êles.

Instruí o intérprete a dizer que uma delas era espôsa do Irmão Hatch, e a outra minha espôsa. Recebemos como réplica, que os índios se absteriam de matar os homens que as haviam desposado.

Dois navajos correram então até o nosso acampamento, no alto do tabuleiro rochoso. Lá fizeram um acôrdo conosco; se negociássemos nosso carregamento, especialmente as munições, êles nos permitiriam regressar.

Como parecia impossível levar a cabo nossa missão, sentimo-nos justificados ao concluir que era preciso voltar.

Na manhã seguinte, começamos a trocar mercadorias por cobertores, e enquanto estávamos assim ocupados, nossos animais foram tirados do abrigo para saciar a sôde. Voltando do poço, o cavalo do Irmão George A. Smith, Jr., enveredou por uma trilha que levava ao alto de uma colina, fora de nossas vistas.

Como êle saísse no encalço do cavalo, adverti-o de que seria melhor não prosseguir sòzinho, recebendo em trôco uma réplica distraída. Imediatamente algo atraíu minha atenção, e êle passou a segundo plano até que os navajos desapareceram sùbitamente do nosso acampamento, ocasião em que fui informado de que o irmão perseguia realmente o cavalo, sòzinho, e longe de nossas vistas. Sem perda de tempo enviei dois homens atrás dêle.

Caminhando por uma milha, êles o descobriram caído na picada, com três ferimentos de bala na parte inferior de seu corpo, e quatro ferimentos de flecha entre os ombros.

Montei a cavalo e galopei até o local, sendo informado de que o Irmão George A. tinha encontrado sua montaria conduzida por um índio. Êle tomou o cavalo pelo freio e o ladrão imediatamente desistiu da prêsa. Com o cavalo em sua posse, o irmão dirigiu-se então para o acampamento.

Aquêle índio e um seu companheiro começaram a perseguí-lo a curta distância, quando um acercou-se do Irmão George A. e pediu-lhe o revolver. Despreocupado de qualquer traição, êle passou-o ao índio que por sua vez o entregou ao seu companheiro um pouco atrás. Êste último disparou três tiros contra o irmão, de uma distância insignificante.

O Irmão ficou paralizado, caíndo logo a seguir de seu cavalo. Os dois índios desmontaram-se então, e enquanto um atirava sua blusa de couro sôbre a cabeça do ferido, o outro desfechou-lhe as flechas entre os ombros.

Transportamos o homem agonizante, num cobertor, até perto do acampamento, onde êle nos implorou que o baixássemos para que pudesse morrer em paz.

Então, já quarenta navajos tinham-se emboscado num local estratégico de acesso ao território dos Mosquís, antecipando provàvelmente que procuraríamos forçar aquela passagem.

Enviei o intérprete para inquirir dêles o que significava atirar num homem logo após haverem fechado, conosco, acôrdo de que se comerciássemos nosso carregamento nos deixariam seguir em paz.

Êle nos devolveu a mensagem, explicando que três parentes dos índios haviam sido mortos por um cara pálida, e para vingar sua morte, êles haviam assassinado um de nós. "Diga a Jacob", declararam, "que não precisa enterra-lo, porque nós vamos comê-lo, e as mulheres e crianças nos ajudarão nisso. Queremos matar ainda mais dois; e se Jacob os entregar a nós, ou deixar-nos mata-los sem complicações, o resto da companhia seguirá em paz."

"Que fará você?" inquiriram os irmãos.

Naquelas circunstâncias, esta era realmente uma pergunta séria e de igual gravidade para todos nós. "Que fazer?" Os céus assemelhavam-se a bronze sôbre nossas cabeças, e a terra parecia de ferro sob nossos pés. Era absolutamente impossível alcançar as cidades Moquís, que já quase podíamos avistar, e seria suicídio arriscar uma escapada no meio da noite, com nossos extenuados animais.

Ao nosso intérprete parecia de melhor alvitre morrerem dois da companhia do que o inteiro grupo.

Eu o enviei para dizer aos navajos que

éramos apenas uns poucos, mas bem armados, e que gastaramos até o último cartucho.

Êle retornou ainda relutante sôbre seus passos, afirmando que continuava a achar ser preferível morrerem dois do que todos.

Repliquei-lhe que não se me afigurava da mesma forma, pois eu não daria um tostão pela vida após ter enviado dois companheiros à morte certa; e escolheria morrer como homem, de preferência a viver como um cão.

Quando o intérprete seguiu, as duas índias começaram a soluçar clamorosamente, acusando-me de trazê-las para serem mortas. Afastei-me um pouco sòzinho, e implorei mercê ao Senhor, e piedade de nossa miserável e talvez desesperada condição, fazendo-me conhecer as palavras que proferidas ajudariam a desembaraçar-nos das dificuldades.

Retornando ao acampamento, comadei o grupo a que partíssemos o mais depressa possível.

Alguns achavam que a morte era certa, quer avançassemos quer não.

Garanti-lhes, no entanto, que não mais aconteceria receber qualquer de nós, um ferimento.

Nossos amigos, os quatro navajos que tinham vindo avisar-nos da emboscada, ainda nos faziam companhia, e ajudaram a arrebanhar e carregar os animais. Logo partíamos.

Eu disse ao Irmão George A. que deveríamos regressar para salvar a pele, pois não podíamos prosseguir mais, tendo navajos a guardar o desfiladeiro.

"Pois bem", disse êle, "deixem-me aqui; não será muito importante para mim, mas faria uma diferença enorme para vocês, o me levar, pois eu os retardaria."

Colocâmo-lo numa nula encilhada, com o Irmão Jehiel McConnell atrás para sustê-lo.

Deixamos as chaleiras no fogo, com o nosso desjejum pràticamente intacto, e todo o material de acampamento de que pudemos dispôr.

Os navajos que impediam nossa passagem através da trilha, galoparam como um tufão em nossos calcanhares.

Alguém predisse que em poucos minutos não restaria um só de nós, mas não podia haver qualquer hesitação ou recuo, naquela emergência.

Eu predisse novamente que todos sairíamos ilesos, porque assim me sussurava o Espírito.

Os navajos chegaram até quase ao alcance de nossos rifles, e então, voltaram-se sùbitamente para a direita.

Enquanto passavam, a mula que carregava nossas provisões seguiu-lhes o encalço, mas para nossa maior surprêsa, ela nos foi devolvida por um navajo simpatizante.

Viajamos o mais ràpidamente possível, enquanto os quatros amigos navajos cobriam nossa retirada. Êles nos pediram várias vêzes para deixar o agonizante, pois já de nada podia servir, além do que, os assassinos nos persiguiriam para obter o seu escalpo. Se parassémos para enterrá-lo, nossos amigos prosseguiriam sòzinhos, pois os atacantes tratarían de obter o escalpo de George, ainda que precissassem desenterrar-lhe o corpo.

Ao crepúsculo, George A. me pediu para parar, dizendo que via tudo escuro, e que estava morrendo.

Nossos amigos navajos afirmaram outra vêz que se parassémos êles nos abandonaríam. Eu disse pois ao Irmão George, "Não é possível detêrmo-nos agora."

"Porque?", perguntou êle.

Depois de eu ter-lhe contado, êle falou, "Oh, está bem, prossigam então: mas eu gostaria de morrer em paz." Estas foram as últimas palavras que proferiu.

Minutos depois, os amigos navajos disseram, "O homem está morto. Se vocês o abandonarem, nós os conduzíremos ao acampamento Spaneshanks, onde encontrarão amigos.

Nossas últimas esperanças de sepultar o irmão em lugar seguro, nas rochas e fóra do alcance dos escalpeladores, foram desfeitas.

Eu pedí então sugestão à companhia, dizendo "Que faremos agora?" A resposta foi, "Que outra coisa além de deitar o corpo no chão e abandoná-lo?".

Repliquei a êles que êste era também o meu pensamento, pois apenas arriscaríamos nossas vidas, numa tentativa talvez fracassada de dar sepultura ao cadáver.

Enrolamos o corpo num cobertor e o depósitamos numa caverna que ladeava a estrada, cavalgando depois, a tôda velocidade permitida por nossas exauridas montárias, até tarde da noite.

Estacamos num retalho de grama, amarramos nossos animais pelo cabresto e puzemo-nos imediatamente em guarda.

Eu me sentei, descançando a cabeça na sela, mas não consegui adormecer. As cenas que viveramos naquêles dois dias desfilavam diante de mim vivìdamente reais. A recorda-

(continua na página 225)

Pouco tempo atrás, certo missionário dirigia-se a um de nossos ramos, para discursar na reunião sacramental. Êle foi saudado com o maior dos entusiasmos, como sempre soí acontecer em todos os ramos de nossas missões.

Ainda cumprimentando os membros, o Elder notou que se introduziu no salão da capela uma garôta muito jovem, que apesar de engraçadinha, não havia porque negar, apresentava-se de tal forma emplastada de cosméticos, vestida, ou melhor, despida com uma blusa tão transparente e uma saia tão ousada que o embaraçado missionário raciocinou serem indubitàvelmente muito inferiores os padrões, alí, do que em qualquer outro ramo por êle visitado.

Mais tarde, ficou esclarecido que a mocinha não era afiliada à Igreja, mas mostrava-se interessada, tendo apenas começado a investigá-la. Nós esperamos de todo o coração que ela tenha entrado para o rol de nossos irmãos, mas ao mesmo tempo, confiamos em que, ao fazê-lo, a nova irmãzinha tenha adotado novos moldes no vestir-se. Não é possível crer que alguém realmente convertido ao Evangelho de Jesús Cristo seja algo que não modesto no traje e nas atitudes.

Lamentàvelmente, constatamos, com pouca freqüência é verdade, entre nossos jovens, um sistema de vestir-se que, apesar de nada apresentar de condenável aos olhos da moda mundana, é inadequado a qualquer programa da Igreja, bem como a quaisquer outras ocasiões. Nós compreendemos que a maioria de nossos membros são conversos, e com freqüência precisam ser instruídos em novos moldes, diferentes daquêles a que estavam habituados. Para os membros que se afiliaram à Igreja há muitos anos, não podemos encontrar desculpa que justifique qualquer tipo de imodéstia.

Vestidos sem alças, mesmo os de baile, saias absurdamente curtas e roupas transparentes não são indicados para ninguém, em ocasião alguma.

O artigo apresentado a seguir, do Elder Hugh B. Brown, expõe claramente a importância da modéstia para tôdas as pessôas.

Modéstia: Distintivo de uma Senhora

Por Elder Hugh B. Brown do Conselho dos Doze

O respeito mútuo e a consideração, seguidos da fidelidade e do amor, são as pedras mais importantes para a base de um lar feliz. O respeito próprio é o requisito exigido para sermos respeitados pelos outros. Todos nós somos julgados e classificados segundo a nossa aparência e conduta.

Nas nossas conferências de jovens, nos Bailes Auri-Verdes, e nos esportes supervisionados, o modo de vestir-se modesto e atraente de nossas jovens ter arrancado elogios de admiração de todos os visitantes, onde quer que sejam levadas a efeito estas funções características dos S.U.D..

A maioria de nossas moças já possue esta modéstia inata, tanto no vestir como no falar e agir. A maioria delas ainda se ruboriza com uma exposição acidental, e sente-se mal

no meio de uma conversa maliciosa ou imprópria. Certamente pouquíssimas poderão ser culpadas de imodéstia intencional, de conduta ou maneira de falar indígnas.

Nós honramos e respeitamos nossas jovens cultas e educadas, e somos gratos a elas por sustentarem bem alto os estandartes da verdadeira conduta feminina que distinguiu suas mães e suas avós, a despeito das difíceis condições pioneiras nas quais elas viveram.

Nós não sentimos saudades dos "velhos bons tempos". Êles tiveram sua época e seu lugar, e nós apreciamos o exemplo edificante de nossos pais e de nossas mães que encararam sempre seus problemas com notável sucesso. Embora o poeta diga: "O passar do tempo torna ridículas as virtudes antigas", nossos antepassados tinham valores, padrões e modas baseados num bom-senso distinto, numa profunda visão espiritual e fé religiosa.

Êstes valôres não mudam com o tempo.

Nós elógiamos os jovens de nossa Igreja, por altearem seus estandartes e ideais da forma declarada pelo Profeta Joseph Smith nas Regras de Fé:

"Cremos em sêrmos honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens: na realidade, podemos dizer que seguimos a admoestação de Paulo — Crêmos em tôdas as coisas e confíamos em tôdas as coisas, temos suportado muitas coisas e confiamos na capacidade de tudo suportar. Se houver qualquer coisa virtuosa, amável ou louvável nós a procuraremos."

Deploramos e denunciamos qualquer costume ou moda que deteriore ou torne insípidos êstes salvadores princípios de verdade e idealismo.

As jovens que desejarem estabelecer um lar feliz e duradouro, resistirão ao rebaixamento por vícios sutéis, como a pretensão, a vaidade e a vulgaridade. Elas procurarão e mesmo disputarão a companhia das que são modestas, refinadas, cultas e respeitadas. A moda e os costumes sociais dêsta época, convidam, algumas vêzes nossos jovens a hábitos suspeitos e indesejáveis, tanto no falar como no vestir.

Nós conjeturamos se saberão nossas jovens que tipo de mulheres estão a imitar quando exibem seus corpos aos olhos do público, só para seguir a moda. Se conhecesse as fontes de algumas modas modernas, nenhuma jovem de bom-senso, e que tivesse respeito próprio, imitaria suas criadoras, expondo-se às deduções e conclusões derivadas de exibições e conduta indecorosas.

Ao mesmo tempo, se as jovens soubessem como os homens corretos, jovens e velhos, reagem a tais demonstrações, duvidamos que persistissem sendo tão tolas e ingênuas. Quando as mulheres exibem suas formas, provocam olhares malíciosos e cobiçosos, e fazem com que homens decentes se envergonhem e protestem, enquanto que os irmãos e os pais ficam embaraçados, ofendidos e alarmados. Mesmo os homens licenciosos têm um certo desprêzo pelas mulheres semi-nuas.

A exibição de um corpo descoberto aos olhos do público, é semelhante ao anúncio "à venda" que subentende "mercadoria de segunda-mão, barata e remarcada." Num estabelecimento comercial, tais mercadorias geralmente convidam ao manuseio, perdendo assim o seu valor e qualidade.

Homens decentes, que procuram espôsas e mães para seus filhos, regeitam jovens que fazem exibição pública de seus corpos. Êles querem espôsas que serão exemplos dígnos para suas próprias filhas, e sabem que a falta de modéstia é o primeiro passo para o desrespeito. A modéstia revela aquela integridade moral que é respeitada pelas pessôas decentes de todos os lugares. Todos os verdadeiros cavalheiros honram e reverênciam as virgens modestas e as mães puras. O próprio Deus santificou e glorificou tanto a virgindade quanto a maternidade, quando as proclamou como veículo para o advento mortal de seu Filho. Também o Senhor, através de seus profetas, designou o corpo para templo onde o Espírito Santo possa habitar. Qualquer exagêro que faça com que os outros tenham pensamentos licenciosos, será uma profanação dêste templo sagrado.

Você pode imaginar uma Madona sem compostura?

Nós homens preferiríamos que as mulheres não nos imitassem na forma de vestir-se e portar-se. Admirámos a feminilidade e protestatamos contra qualquer coisa que torne a mulher embrutecida ou masculinizada — pois isto apenas embaça a beleza da mulher. É óbvio que quanto mais uma moça pareça ser um rapaz, menos se assemelhará ela a uma senhora. Deus as fêz diferentes de nós, e nós preferimos conservá-las no pedestal enaltecido de maternidade em potêncial ou presente.

As mulheres poderão trajar calças compridas quando praticarem certos esportes, tais como andar a cavalo e outros, mas o uso de calças compridas, shorts e malhas justas e apertadas demais, salientando as formas, nas

(continua na página 223)

Um Tributo aos Pioneiros Mórmons

A 24 de junho de 1847, um grupo de viajantes fatigados parou sua caminhada em direção a oeste assim que surgiu um canyon hoje conhecido por Emigration Canyon (Vale da Emigração), nas abruptas Montanhas de Wasatch. Foi nêsse ponto que seus olhos caíram sôbre uma paisagem cálida e monótona, sôbre um deserto desolado e aparentemente estéril.

O líder do grupo de pioneiros viajantes, deitado numa cama improvisada num dos carroções, olhou ligeiramente para o vale enquanto um de seus homens segurava a coberta de lona branca. Êste chefe estivera muito mal daquilo que naquêles dias se conhecia por febre da montanha; êle não podia acompanhar os outros a pé e encontrava-se acamado há vários dias. Seus olhos cansados começaram a brilhar assim que observou a paisagem estéril de perto. E foi nestas circunstâncias que Brigham Young disse "Basta, êste é o lugar certo. Contínuemos". Ao ouvir isto, uma das três mulheres num grupo de cento quarenta e oito caíu em completa desilusão e desespêro, e chorou. Ela não era capaz de concretizar então, uma das tão esperadas profecias das Sagradas Escrituras que estava prestes a ser realizada. Isaias muitos séculos antes do nascimento de Cristo, escrevera: "E acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do Senhor no cume dos montes, e se exalçará por cima dos outeiros: e concorrerão a êle tôdas as nações".

A profecia que Brigham Young exprimiu naquela ocasião tem sido concretizada desde então. Êle disse: "Deus me mostrou, que êste é o lugar para estabelecer seu povo, e aqui êles hão de prosperar; e Êle acalmará os ele-

mentos para o bem dos Santos; Êle amenizará a geada e a esterilidade do sólo, e a terra tornar-se-á frutífera... e nós construiremos uma cidade e um templo ao Deus Altíssimo nêste lugar."

Alguns dos viajantes cansados que chegaram ao Vale do Lago Salgado com êste grupo e mais tarde com outros, hesitaram em acreditar que êste seria realmente "o deserto que iria florecer como a rosa". De acôrdo com o que se sabe, um dêstes ao ver o vale disse: "Eu andei 1.000 milhas mas preferíria andar mais 1.000 do que firmar-me aqui".

O povo sabia que o Presidente Young estava inspirado em tôdas as coisas, porisso não dúvidou de sua palavra naquêla ocasião, embora achasse difícil gostar daquilo que via. Aquêles que não acreditaram no que êle disse e continuaram para o oeste, para outras partes mais agradáveis aos olhos, sofreram infortúnios maiores e piores, e alguns renunciaram até a sua fé.

A construção de uma colônia no meio de uma vasta extensão prometia ser uma das mais árduas tarefas conhecidas pelo homem. Os Santos haviam deixado Nauvoo há pouco mais de um ano sem a vantagem de levar consigo todo o equipamento necessário para a construção de uma cidade. Êles tinham partido de sua bem-amada Nauvoo com suas vidas e com os pertences que puderam juntar, apressadamente. Êles atravessaram as planícies com o que era estritamente necessário e a guia de um bondoso Pai Celestial. Se não fôsse por êste fato, o povo teria perecido nas mãos dos cruéis elementos da natureza. Agora os Santos tinham diante de si o que deve ter parecido impossível. Êles sabiam, na realidade, que precisariam estabelecer-se nêsse deserto nos poucos mêses precedentes ao inverno. Estavam na sgunda metade de julho, tempo de preparação para colheita e não para plantação.

Êstes Mórmons pioneiros tinham mesmo algumas vantagens definidas que lhes eram peculiares. Em primeiro lugar, êles já tinham sofrido perseguições de todo o tipo, antes, e estavam assim preparados para enfrentar as exigências severas. Em segundo lugar, êles tinham uma organização e chefes extraordinários. Brigham Young, Orson Pratt, Heber C. Kimball, são sòmente alguns dos homens que eram dotados de talentos extraordinários e traços de liderança. O povo compreendia isto plenamente e também reconhecia sua chefia como sendo guiada pelo poder divino. Êstes eram os servos escolhidos pelo Senhor para líderar e dirigir Seu povo. Em terceiro lugar, êles tinham uma fé inigualável no Senhor. O Senhor castiga aquêles a quem ama, mas não destruirá os justos. Fé no Senhor, foi sem dúvida alguma a mais importante característica conservada pelos nossos pio-pioneiros precursores.

A 28 de julho, depois de terem explorado as áreas próximas, uma reunião do conselho foi organizada por alguns dos irmãos para decidir sôbre o plano de ação. Alguns estavam indecisos sôbre onde deveriam começar a construir. O Presidente Young concordou que êles poderiam explorar todos os lugares que quizessem, mas êle afirmou que êles voltariam, concordando com o lugar que êle havia apontado antes para construir. Foi isto que aconteceu.

Foi decidido que a cidade deveria ser traçada em quarteirões de dez acres com ruas de quarenta m. de largura terminando em ângulos retos. Ruas com essa largura pareceram ridículas por muitos anos, pois, naquêle tempo as cidades eram geralmente construídas segundo as necessidades da época. Os carrogões devem ter parecido quase perdidos nas ruas largas da cidade de Lago Salgado até a chegada das idéias modernas. Hoje a sabedoria daquêles planejadores é evidente. Lago Salgado é uma das poucas cidades a passar por pouquíssimas modificações para as facilidades modernas. Foi uma cidade planejada cem anos antes das invenções modernas, para as invenções modernas. Foi assim com quase tudo que êsse povo construiu.

Deveriam ter também quatro praças públicas, de dez acres cada uma em várias partes da cidade. "Que cada homem cultive seu próprio pedaço de terra e plante tôdas as qualidades de árvores frutíferas e ornamentais para embelezar a cidade", estas fôram as palavras do Presidente Young.

(continua na página 218)

Lago Salgado por volta de 1880.

PRIMEIRA VISTA DO VA

A 19 de julho de 1847, o primeiro grupo de pioneiros chegou a êsse local
sário atar troncos de árvore na traseira dos

LE DO LAGO SALGADO

nde pôde avistar o Vale do Lago Salgado pela primeira vez. Foi neces-
gões para que pudessem descer a serra.

(continuação da Página 217)

mens na história da Igreja, foi o que se pode chamar de um mágico da matemática. Com instrumentos mais rudes do que qualquer agrimensor na América, talvez, traçou as ruas da nova cidade e muito fêz para o planejamento geral. Numa de suas travessias pelas planícies êle fêz o levantamento de uma estrada a qual é ainda reconhecida como uma das mais exatas e foi depois incorporada às estradas de ferro e rodóvias, ligando vários pontos em certas áreas. Êle se enganou bem pouco em quaisquer de seus cálculos e seus levantamentos continuam a surpreender a escola moderna.

O local do templo foi escolhido para ser planejado por Elder Pratt. A construção de um templo tinha sido o tema constante da jornada para o oeste. O Presidente Young designou o local para o templo e disse: "Eis aqui os quarenta acres para o templo, e a cidade poderá ser traçada perfeitamente num quadrado de norte a sul e de leste a oeste".

Um total de 2.095 almas imigraram para o vale do Grande Lago Salgado no ano de 1847. No curto espaço de 5 mêses a popula-

Elder Orson Pratt, um dos grandes hoção da habitação do deserto pulava de 0 para mais de 2.000!!

Os Santos chegaram numa época da estação tão imprópria que suas plantações não serviram para nada, excetuando algumas batatas que deveriam ser usadas no próximo ano como semente. O Presidente Young e os irmãos fizeram, com certeza, sérias meditações e orações durante êsses dias. Pois alí estavam mais de 2.000 pessoas no meio de um deserto desolado e que precisavam sobreviver ao inverno próximo, embora não conhecessem ainda a dureza do tempo e outras condições que deveriam enfrentar. A neve prestes a cair iria proibir a entrada e saída de qualquer pessoa do refúgio isolado.

Como os Santos sobreviveram ao primeiro inverno é, por si, notável. Os invernos de Utah são duros, frios e freqüentemente longos. Os Santos durante êsses meses cuidavam do evangelho e da sistematização e organização da Igreja. Para se divertirem êles tinham funções especiais como: jôgo de soletrar palavras, espetáculos e bailes, embora fôssem bailes bem diferentes dos de hoje. Procuravam estar sempre ocupados embora deva ter sido uma tarefa difícil em muitos casos. Isto sempre constituiu um segrêdo para o sucesso do povo Mórmon.

Quando, finalmente, em 1848, a primavera chegou, os trabalhadores estavam prontos para plantar. Êles limparam o mato e plantaram suas sementes. Foi uma estação muito feliz, pois agora os sonhos do povo começavam atornar-se realidade. Êles trabalharam com zêlo difìcilmente igualado por qualquer outro povo de qualquer tempo.

A área de Utah é tão sêca e quente no verão tanto como fria no inverno, e é claro que não havia chuva bastante para ajudar o crescimento das plantações como estavam acostumados em Nauvoo e nos outros lugares onde haviam se estabelecidos antes. Êles iniciaram então algo nunca antes tentado pelos pioneiros das Américas. Utilizaram uma idéia antiga usada pelos egípcios e pelas civilizações antigas, isto é, o sistema de desviar a água dos riachos para a terra e assim irrigar as plantas quando fôsse necessário. Êles construíam os canais para levar a água dos riachos das montanhas para as plantações. Esta foi a primeira vêz na história do povo anglo-saxão que se utilizou êsse método. Embora êles não fôssem técnicos no novo processo, viram logo que o método daria resultado.

Os Santos sabiam, na realidade, que se êles falhassem na colheita dêsse ano, teriam de enfrentar a fome, com certeza, nos próximos meses de inverno. Mas isto seria a última coisa a passar por suas mentes agora. Tudo parecia bem e estava saindo como êles haviam planejado e enquanto continuavam com seus trabalhos seu tema-canção era: "Tudo está bem".

Tudo parecia brilhante e alegre quando sùbitamente uma nuvem escura de destruição encobriu o Vale do Grande Lago Salgado. Logo descobriram que seria impossível lutar contra a nova destruição. Agora iriam enfrentar um novo perigo: numerosos grupos de gafanhotos vinham fervilhando das montanhas próximas como um exército chefiado, destruindo tudo que encontravam pela frente. O ruído do trigo caindo era horrível para quem estava combatendo a praga. Homens e mulheres armados de pás e vassouras tentavam abatê-los. Crianças pegavam sacos ou qualquer coisa com que pudessem bater nos insêtos. Tentaram afogá-los em covas cheias de aguas, tentaram até mesmo queimá-los. Nada faria parar o batalhão!

Em seu desespêro, viram outra nuvem encobrí-los. Sùbitamente os céus se encheram de pássaros enormes voando lentamente. Ouviu-se gritos de todos os lados. O que os gafanhotos não destruíram os pássaros, na certa, o fariam. Que desespêro! Sião estava se desmoronando antes de ser construída!

Os colonizadores abandonaram seus esfôr-

ços de fazer parar os insetos e começaram a vêr as gaivotas num vôo lento pousar sôbre seus campos. Para espanto de todos, as gaivotas não pareciam absolutamente estar interessadas no trigo ou nas plantas. Pelo contrário, começaram a engolir a praga. O povo ficou surprêso ao vêr que as gaivotas comiam seu bocado, voavam para os riachos onde iam vomitar os insetos e voltavam para devorar mais. O Deus de Abraão e Isaac estava realizando um milagre diante de seus olhos. Êle tinha ouvido os seus lamentos e suas humildes orações.

Hoje, ergue-se na Praça do Templo na cidade de Lago Salgado um monumento com uma enorme gaivota no tôpo. A gaivota é um pássaro gracioso e bonito, mas para os Santos dos Últimos Dias, ela representa algo especial que jamais será esquecido.

A colheita de 1848 não foi espetacular, mas foi suficiente para provar que seria possível viver, construir e conseguir colheitas naquela terra longínqua designada pela maioria como vasta extensão de terra sem valor.

Em 1848 chegaram mais grupos de pioneiros. O ano de 1849 viu o nascimento da "Companhia de Fundos para a Emigração Perpétua", para recolher os pobres de tôdas as nações. Anos mais tarde viram os "Grupos de carrinhos-de-mão" cruzando as planícies. Era êste o método pelo qual êles andavam, empurrando seus carrinhos com seus pertences. Cada um dêsses grupos têm uma história de sacrifício e dificuldades que em sí mesma merece nossas mais nobres lembranças. Alguns encontraram o infortúnio nos elementos da natureza e todos sofreram angústia na perseguição dos índios.

Um dos grupos chamados "Grupo de Martin", chefiado pelo irmão Edward Martin, quase encontrou destruição completa. O grupo iniciou sua viagem numa época tardia da estação do ano e encontrou neve que detêve sua marcha. Finalmente tornou-se tão difícil que fôram forçados a parar e fazer um acampamento num local conhecido por "Ravina Martin". As neves pesadas tornaram-se piores e o povo foi de repente surpreendido pela realidade: a "Ravina Martin" iria ser o seu cemitério. Felizmente o Presidente Young tinha tido notícias de sua chegada e mandou um grupo de socôrro e assim salvou a maior parte do "Grupo Martin". Mesmo assim, a perda de vidas e mutilações corporais deixou uma página triste na história dos Santos dos Últimos Dias. Aconteceram outras catástrofes quase tão graves quanto esta.

Muitas coisas começavam a ajudar as colônias no seu progresso. Em 1848, muitos viajantes começaram a entrar na área do Lago Salgado no seu caminho para os campos de ouro da Califórnia na famosa" Corrida para o Ouro de 1849". Com êles, traziam muitas comodidades de grande necessidade para os colonizadores. Negociavam bons animais que estavam cansados e magros devido às viagens, por provisões. Anos mais tarde, já faziam tudo o que não podiam comprar. Os Santos procediam de várias nações e conheciam vários ofícios; dêsse modo colaboravam para a fabricação de quase tudo que era necessário.

Por vários anos a Igreja ficou de certo modo, isolada do mundo exterior, e foi nêsse período que ela firmou-se. Construíram templos e colonizaram as áreas vizinhas. Em 1869 a estrada de ferro transcontinental chegou a Utah, ligando-a assim ao mundo exterior, e terminando a éra de isolamento. Porém a Igreja estava muito forte para ser destruída ou banida outra vêz, apesar de sofrer, por muitos anos ainda, injustiças geralmente induzidas pelas então chamadas "Seitas Cristãs".

O Templo de Lago Salgado em construção. Esta rara fotografia conta mais de setenta anos.

Em 1893, na presença de uma congregação de 40.000 pessoas o Presidente Wilford Woodruff fêz a dedicação do Templo de Lago Salgado. Quarenta anos de sacrifício e trabalho estafante tinham sido necessários

para a construção dessa estrutura magnífica. Não é de se admirar que se ouvissem brados em tôda a terra. Hosana! Hosana! Hosana! a Deus e ao Cordeiro! Êste era um dia esperado após tantos e tantos anos.

A terra colonizada pelos nossos antepassados contínuou a crescer tanto quanto a Igreja. Hoje, se Brigham Young e seus companheiros olhassem para o mesmo vale que tinham visto 113 anos antes quando era ainda uma paisagem estéril e desolada, êles sem dúvida se regozijariam na fé que tiveram no futuro, pois de fato "naquêle deserto floresceu a rosa".

Nos limites norte da cidade do Lago Salgado, existe uma colina proeminente e graciosa. A 26 de julho de 1847, o Presidente Young e alguns irmãos pararam sôbre o pico dessa mesma colina. O Presidente Young afirmou que seria um ótimo local para erguer uma insígnia referente à profecía de Isaías. Êsse pico é conhecido hoje por "Pico da Insígnia" e lá se ergue um mastro que foi colocado há muitos anos e que tem realmente sido um estandarte para todo mundo, juntamente com a história dos Santos dos Últimos Dias.

Nós nos lembramos disto, no mês de julho, com honras especiais a nossos Pais Pioneiros e nos regozijamos nos princípios vivificantes do Evangelho duradouro pelo qual êles lutaram.

traduzida por Ebe Bastos

SACERDÓCIO NAS MISSÕES

SACERDÓCIO DE MELQUIZEDEC

DÉCADA DE 1960: ANOS DE RENOVAÇÃO E REDEDICAÇÃO

Quem pode prever o que nos reserva a década de 1960?

Será paz ou guerra? Prosperidade ou depressão? Saúde ou doença? Vida ou morte?

Que significará para o progresso e crescimento da Igreja a década entrante? Num período de tempo inferior a 25 anos, a Igreja duplicou seu número de afiliados. Que expansão se verificará nos próximos dez anos?

Fôram conseguidos, no último ano, nas estacas e missões, um número aproximado de trinta e dois mil batismos de conversos. Poderíamos dobrar a ceifa de almas de ano em ano, até 1970?

Ficou constatado, nêsses últimos anos, um tremendo aumento de frequência às reuniões sacramentais, às atividades do quorum do sacerdócio, ao trabalho das organizações auxiliares. Poderíamos conseguir algo ainda melhor?

Quantos milhares de membros avançados do Sacerdócio Aarônico serão ordenados Élderes? Que poderemos fazer para aumentar o número de casamentos no templo? E o número de jovens capacitados ao trabalho missionário de tempo integral? E assim por diante, através dos vários programas da Igreja.

E, o que é ainda mais importante do que as respostas à essas perguntas: Considerando-se a estabilidade espiritual e o progresso de cada membro da Igreja, e de sua família, estaremos amparando a fé dentro de nossos lares? Serão nossos filhos, daqui a dez anos, membros devotados do reino, ou cairão em práticas

mundanas, ressentindo-se de falta de espiritualidade?

Estamos guardando os mandamentos, nós próprios, e dedicando o melhor de nossos esfôrços para levar nossas famílias a fazer o mesmo? Estamos preparando nossos rapazes para o serviço missionário, e nossos filhos e filhas para o casamento no templo? Estaremos praticando as coisas que atrairão sôbre nós e nossas famílias as maiores bençãos e benefícios do sacerdócio?

Desde há uns quatro anos, a atividade do quorum do Sacerdócio de Melquizedec tem-se centralizado quase que exclusivamente no campo da reativação do sacerdócio. Todo o esfôrço tem sido e está sendo concentrado no sentido de atrair sôbre a vida dos membros da Igreja, todos os benefícios e bençãos do sacerdócio.

É provável que nenhuma atitude assumida para solucionar o problema de reativação surta influência sôbre tôdas as pessoas, mas se os oficiais do sacerdócio e de outras organizações da Igreja não deixarem uma só pedra sem remover, se trabalharem — consistente, repetida e devotadamente — com os irmãos e irmãs inativos, não pode haver dúvida de que muitas dessas pessoas aderirão ao trabalho, tornando-se herdeiros de tôdas as bençãos do evangelho.

A década de 1960 — para todos os membros da Igreja que se devotarem à retidão, buscando caminhar em harmônia com os padrões do evangelho — será feita de anos de bençãos, paz interior e progresso espiritual. O que quer que a próxima década possa reservar, em relação às condições do mundo, no que diz respeito aos membros fiéis da Igreja, poderá ser um período de progresso e aperfeiçoamento.

Estaremos nós suportando tôda a responsabilidade e dedicando nossos melhores interêsses no espalhar os princípios da verdade, dentro e fôra da Igreja?

Conseguiremos fazer da década de 60, anos de renovação e rededicação, anos nos quais batalharemos mais diligentemente para guardar os mandamentos e trazer a todos os irmãos e irmãs as grandes bençãos do sacerdócio e do evangelho?

APROXIMA-SE O PROGRAMA DE PRÊMIO DO SACERDÓCIO ARÔNICO DO MARCO DE UM QUARTO DE SÉCULO

Para sua mãe Jimmy parecia um jovem altamente dignificado ao receber o aperto de mão do Bispo. Sua melhor camisa branca tinha sido passada para a solenidade e êle exíbia uma gravata azul e vermelha comprada há apenas uma semana. Jimmy a tinha posto sem reclamar embora se sentisse um tanto jovem demais para essa espécie de indumentaria. O Bispo congratulou-se com Jimmy por sua façanha, e, embora Jimmy se sentisse um tanto perturbado pois o auditório inteiro tinha os olhos voltados para êle — conseguiu murmurar um "muito obrigado" que foi ouvido pelo menos até a quinta fila. Êle e os outros jovens voltaram para os seus lugares. Stanley Jones tropeçou nos degráus mas nenhum dos moços nem mesmo esboçou um sorriso. Jimmy entregou à sua mãe o bonito certificado que o bispo lhe presenteara. Atravessando a parte superior, achava-se escrito: PRÊMIO INDIVÍDUAL DO SACERDÓCIO AARÔNICO — na base da parte central podia-se ver o sinete atestando 95% de comparecimentos. O prêmio estava assinado pelo Bispado em Presidência da Igreja, e pela Diocese a que Jimmy pertência.

Há pouco mais de um ano, a snra. Andersen não sabia o que era um Prêmio Indivídual do Sacerdócio Aarônico. Ela porém aprendeu. Desde que se tornou Diácono, Jimmy tinha conservado sua mãe bem como o resto de sua família, inteiramente a par de seu progresso em direção à meta que para si tinha estabelecido, a obtenção dêsse prêmio.

Na Igreja há muitas senhoras Andersen, que ouviram falar dos prêmios indivíduais do Sacerdócio Aarônico, mas que não sabem exatamente o que é necessário para obtê-los. Há muitos senhores Andersen que, êles mesmos cumpriram o programa anos atrás, que não sabem a extensão das alterações introduzidas nos requisitos. Para auxílio dêstes e de outros que possam interessar-se, apresentamos aqui uma breve descrição do programa de Prêmio do Sacerdócio Aarônico da Igreja — sua história e sua finalidade.

Os Prêmios Individuais de Sacerdócio Aarônico fôram instituídos em 1943. LeGrand Richards do Conselho dos Doze era então o Bispo em Presidência. Desde 1943, o prêmio sofreu consideráveis modificações tanto em seu desenho como em seus requisitos. Os prêmios são agora todos gravados em aço. Presentemente existem três desenhos; um para os Diáconos, outro para os Mestres e outro para os Sacerdotes. O programa é dedicado aos portadores do Sacerdócio Aarônico com menos de 21 anos de idade, desde 1940, desempenhou um papel muito importante na evolução do programa.

Sinetes estão agora sendo a posto aos prêmios daquêles que compareceram a 90,95 ou 100% das reuniões exigidas.

Que precisou Jimmy fazer para habilitar-se ao seu prêmio de 1958? Como diácono, tinha êle de comparecer a um número mínimo de reuniões de Sacerdócio e Sacramentais. Tinha êle de cumprir 48 ou mais missões do Sacerdócio e participar de um projêto para o bem da Igreja ou de um serviço do Quorum. Tinha que fazer no mínimo uma alocução em uma reunião da Igreja e recolher ofertas de jejum no mínimo em 75% dos meses em que exerceu o Sacerdócio. Pagou dízimo completo, compareceu à Conferência do Dízimo e cuidadosamente conservou a Palavra de Sabedoria. Um feito completo.

Os requisitos para mestres e sacerdotes são quase os mesmos.

As missões exigidas são 36. O ensino no distrito substitue o recolhimento de ofertas de jejum; os sacerdotes têm de participar como oradores em duas ou mais reuniões na Capela. Afóra isso não há diferença.

Desde o início de 1959, tem sido exigida a frequência de 75% na escola dominical. Além disso, os jovens portadores de prêmios do Sacerdócio Aarônico são pessoalmente entrevistados pelo Bispo do Distrito para verificar se sob outros aspectos são dignos, ainda mesmo quando preencham todos os outros requisitos, isto é, têm caráter e moral satisfatórios sem o que não receberão o certificado de prêmio.

No ano de 1960 será introduzido um novo requisito, 75% de comparecimento na A.M.M. Com essa adição o programa inteiro da Igreja, para Jimmy e todos os outros rapazes de sua idade, será incluído no Programa de Prêmio.

Suplemento da Lição para os Mestres Visitantes do Ramo

LIÇÃO N.º 8

Preparado como um suplemento à mensagem dos mestres-visitantes, para agôsto de 1960.

Nenhum assunto de fundo teológico, com a possível exceção da natureza de Deus, tem sido objeto de maior especulação, discussão e controvérsia do que a questão dos relativos méritos de salvação, da graça, da fé e das obras.

Teologistas das mais diversas crenças têm apresentado várias interpretações, algumas mais próximas da verdade que outras. Limitaram-se ao fato de que a Bíblia em si nem sempre é bem clara num determinado assunto como se poderia desejar. Nós os Santos dos Últimos Dias sabemos que tôdas são essenciais e que tôdas obram em conjunto. Nós devemos ser gratos pela nossa clara e maravilhosa doutrina de Fé e Obras. O discernimento e a profundidade demonstradas pelas nossas escrituras suplementares — Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor — desempenharam um papel enorme nêsta formulação.

Fé é de díficil definição. Muitos deram algumas: Alma (ALMA 32:21) e o autor de Hebreus (Heb. 11:1) as quais são autorizadas e freqüentemente citadas. Fé é mais do que crença, mais que esperança, mais do que convicção e mais do que "pensamento positivo". É tudo isto e muito mais. É semelhante a conhecimento mas não é idêntica. Embora seja difícil de definir, não é especialmente difícil de distinguí-la na vida e no caráter de alguém que realmente a possue. Fé, a difirmação e uma vida cristã de formação nos nâmica, ativa e determinante fôrça na vida de um verdadeiro Cristão, é indefínivel, difícil de se obter, dificílima de manter, mas absolutamente necessária e essencial à salvação.

A Fé têm sido definida com o primeiro princípio do evangelho. É o primeiro princípio duplamente, em virtude da sua profunda significação e sua relação com os outros princípios. É a força que move o indivíduo a arrepender-se, a procurar, abraçar o evangelho e submeter-se às suas ordenanças. A não ser que a Fé esteja em primeiro lugar êstes outros degraus não seguir-se-ão. Crença é menos que Fé. É uma méra aceitação intelectual e não uma fôrça para a salvação. Algumas pessoas que pensam ter Fé têm apenas crença. Nós deveríamos examinar-nos para saber qual das duas possuímos. A resposta é, para a maior parte, determinada pelo que fazemos com relação a ela.

Si quisérmos ser salvos, devemos acompanhar a nossa Fé com obras. A palavra "obras", usada nêste sentido amplo, significa mais do que boas ações. Inclui as ordenanças necessárias do evangelho: batismo, conatributos Divinos. Tudo isto é necessário para atingir o mais alto grau de salvação. O velho argumento de que a Fé sem obras é suficiente cai diante da definição, verdadeira, vivificante, vital e ativa: a Fé necessita ser acompanhada de obras. Si as obras não existirem a Fé é morta.

Modéstia: Distintivo de uma Senhora

(continuação da página 213)

ruas e em lugares públicos não é absolutamente de bom gôsto. Shorts e "tomara-que-caia" são dignos de desprêzo em qualquer lugar público, e assim mesmo, estas semi-coberturas desprezíveis prosseguiram além do curto e apertado, tornando-se ainda menores e mais apertadas, até que a decência fôsse destronada.

Mãe e filha, ambas turistas, foram recentemente vistas numa loja de calçados, as duas trajando sumários shorts. Elas se sentaram e aguardaram ser atendidas. Dois empregados estavam desocupados, porém nenhum dêles pareceu notá-las. O gerente também as viu e assim mesmo permitiu que elas se fôssem sem serem atendidas. Êle aplaudiu seus empregados pela demonstração de decência que faltava às duas mulheres.

Mas não são sòmente as jovens que nos chocam nesta maneira de se portar. Algumas mulheres, já de meia idade e robustas, mais idosas porém não mais decorosas, apresentam-se como se tivessem sido moldadas dentro das calças compridas e dos indecentes shorts. Tais pessôas deveríam possuir espêlhos portáteis onde pudessem "enchegár-se como são vistas", para se cobrírem, pelo menos, de um pouco de vergonha. A simples decência exige um pouco de bom senso no vestir-se e isolamento quando se estiver semi-vestido.

As exigências da modéstia e decência vão além da vestimenta e da aparência. A maneira de falar, vulgar e profana, que leva sempre a uma conduta imprópria, também é muito repreensível. Contar ou mesmo simplesmente ouvir histórias imorais, é o mesmo que contaminar o ar ou inalar, voluntàriamente, um gás impuro. Os que são culpados desta conduta, geralmente estão procurando chamar atenção sôbre si, fazendo os outros rírem, tornando-se assim o "espírito da festa". Parecem esquecer-se de que o que é obceno não pode ser engraçado, e que embora no momento pareçam "ganhar terreno", muitos de seus enlevados ouvintes ficaram ofendidos e chocados, considerando-os socialmente repugnantes.

O homem ou a mulher que usa de irreverência, palavras desqualificadas ou gíria grosseira revela inconscientemente uma mente perníciosa, um vocabulário limitado, e é lastimado e evitado por tôdas as pessôas de cultura. Profanar o nome de Deus é uma afronta a Êle, e Êle o proibiu.

Oramos para que a virtude e a modéstia possam enfeitar os pensamentos e adornar as vidas dos de nossa sociedade, jovens ou velhos; que possamos ser conhecidos por nossa temperança, propriedade, cultura e integridade. Que nossos pensamentos, palavras, vestes e comportamento geral, indiquem a nossa crença na santidade do corpo como Templo de Deus, como disse Paulo: "Porque nós somos santuários do Deus vivente, como êle próprio disse: Habitarei e andarei entre êles; serei o seu Deus e êles serão o meu povo". (II Coríntios 6:16).

"Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado". (I Coríntios 3:17).

"Destruir é manchar, manchar é empanar o brilho de alguma coisa pelo excesso de exposição". Jovens, sejam refinadas em tôdas as circunstâncias e exibam com orgulho o Distintivo da Modéstia.

traduzida por Ebe Bastos

"A Êles, os Do Último Vagão

(continuação da página 207)

mentos. Um boi mancava, necessitando cuidados, o eixo da roda fronteira do lado esquerdo, esquentava demais, o aro da outra roda do mesmo lado estava solto. Assim, reprimendas e algumas fortes reprovações eram feitas, porque o vagão não podia causar o atrazo de tôda a companhia. Mas, ainda, no último vagão havia devoção, fidelidade e integridade, e acima de tudo, além de qualquer coisa, fé nos irmãos e no poder e bondade de Deus. Pois não havia dito o Senhor que nem mesmo uma ave cai do céu sem que isso seja notado pelo Pai? E não eram êles mais preciosos que uma ave? Então, conservavam seu testemunho ardendo como um fogo eterno em altar santo, acalentando a certeza de que o Evangelho Restaurado era a verdade, que José era um profeta de Deus, e que Brigham Young havia sido escolhido para suceder o Profeta.

Quando as carroças começaram a rolar naquêla manhã de sol, e os bois puzeram em movimento o último vagão, a poeira da quieta manhã levantou-se pesadamente sôbre a estrada. Cada vagão a começar do primeiro fêz subir uma lufada de poeira, até que quando aquêle último vagão colocou-se atrás da fila, a cortina era densa e sufocante. Ela envolveu o último vagão e tudo que havia nêle; cobriu as roupas, enegreceu as faces, irritando os olhos e ouvidos já doloridos dos que o ocupavam. A espôsa que em breve seria mãe, respirava com grande dificuldade aquêle ar impregnado de pó e horrìvelmente pesado; já no ar puro era-lhe difícil respirar! Cada solavanco do vagão, caminhando sôbre os sulcos

profundos, cavados pelo resto da companhia, arrancava de seus lábios gemidos de dor, os quais, com enorme esfôrço, ela cuidava esconder de seu pobre marido, tão solícito e ansioso em poupar-lhe grandes sofrimentos. Êle procurava conduzir os bois de forma a reduzir as oscilações do vagão que poderiam prejudicar sua espôsa, enquanto o gado extenuado avançava lentamente pela estrada. Assim, durante aquêle longo dia de completo desconforto, dia de dôres, carecendo às vêzes de fôrças para respirar, a mãe apenas ansiava por que o nenê, que devia chegar, não fôsse prejudicado. Ela viajava dentro do vagão, e os filhos caminhavam, pois o pêso que êle suportava já era muito grande, dificultando a marcha; e aquêle pai aturdido, ao lado da carroça. orava.

Quando, à noitinha, o último vagão parou ruidosamente, e colocou-se em seu lugar no círculo que constituía o curral para abrigo do gado, os irmãos vieram inquirir do estado de saúde da mãe, e então a alegria renasceu em seus corações. Pois não tinham os irmãos se lembrado dêles? Uma nova esperança nasceu, o cansaço se afastou, sendo vivificado o desejo de prosseguir; muita gratidão a Deus derramou-se em seus corações através do conhecimento da verdade, pois seus testemunhos de que Deus vivia, que Jesus era o Filho de Deus, que José era um Profeta, e Brigham seu sucessor autorizado, assim como um brilhante testemunho de que uma côroa de glória esperava os justos, para pertencer-lhes durante tôdas as eternidades, aquecia-lhes o coração. Então êles participavam dos hinos, canções e danças do acampamento, fazendo ecoar dentro de si tôda a alegria existente naquêle grupo — na medida do possível, levando-se em conta as condições em que a mãe se encontrava.

Porém, na manhã seguinte, ouviu-se um fraco choro de criancinha que partia do último vagão. O amor materno havia erigido um novo altar diante do qual curvava-se o pai em reverência. Mas a companhia precisava prosseguir. E novamente, dentro da poeira, o último vagão pôs-se em movimento, balançando. aos solavancos, enquanto a pobre mãe controlava com fôrça seus gemidos de dôr, procurando conservar-se forte para conseguir alimentar o pequenino, aquêle minúsculo entezinho de sua carne, sangue de seu sangue. Quem ousará dizer que os anjos alí não estavam, cercando aquêla mãe, suavisando-lhe o rude leito? Pois não havia ela dado a um espírito escolhido, um corpo mortal, a fim de que êle pudesse realizar a tarefa estipulada por Deus?

Uma outra manhã surgiu, em que o corajoso e pequenino João — o qual, possuíndo o dom de um coraçãozinho heróico, suportara durante longo dias o sol quente e através de muitas milhas havia caminhado na umidade da chuva, com as roupas completamente encharcadas — precisou ser recolhido ao vagão, fraco e pálido, vítima de uma doença muito grave. Alguns meses atrás, naquela fria noite de inverno em que fugiram de Nauvoo para salvar a vida, escapando da ira terrível que dominava uma população selvagem, Joãozinho havia apanhado pneumonia e estivera em perigo de vida, resultado daí que ficasse com os pulmões enfraquecidos. A antiga moléstia retornava agora. Êle piorava, piorava. Os Elderes vieram e oraram por êle, para que o pequeno ficasse bom. Mas o Senhor queria o Joãozinho para junto dêle. E foi assim que algumas manhãs depois, uma chorosa mãe e um acabrunhado pai tomaram lugar na fila, com seu vagão, deixando para trás, à beira da estrada, um pequeno monte de terra, coberto de pedras para protege-lo contra os lobos; apenas uma pequena saliência que ocultava mais outro martir dedicado à causa da verdade.

Desta forma, através do pó e da sujeira, da sujeira e do pó, por intermináveis horas, e dias ainda mais intermináveis — que transformavam-se em semanas e em meses, êles prosseguiram lentamente, até que transpondo os portais de um grande vale, êste saudou-os, oferecendo-lhes abrigo e repouso. O gado caiu por terra, esfalfado quase até à morte. Ninguém conseguia movimentá-los sem ajuda da vara, pois até êles sentiam haver atingido o fim da jornada.

Naquela noite, a última da grande jornada, a maior jornada que a história registrou desde a fuga de Israel, no Egito, enquanto o sol, descambando atrás dos picos montanhosos do oeste banhava as rochas do nordeste numa luz de ametista, e os montes de sudoeste revestiam-se com sombras de um azul-negro semelhante ao azul das profundezas do mar, êles, os do último vagão, assim como os do vagão à frente, e de todos os outros, até o primeiro, que dirigia a companhia, dobraram os joelhos, na alegria de suas almas, agradecendo a Deus por estarem em Sião — "Sião, Sião amada Sião, linda Sião, Cidade do nosso Deus". Êles sabiam que havia um Deus, pois sòmente Êle poderia tê-los trazido até ali, triunfantes, valentes, através do desprêzo e do ridículo, das calúnias e longas esperas, das armas e incêndios, dos assassínios e da violação de espôsas e

filhas. Aquela era sua herança, a herança de seu povo, desde que José viu o Pai e o Filho.

Assim, a estas humildes mas grandes almas, instrumentos do Senhor, que quebraram para êste grande povo as primeiras pedras, lançando os alicerces do Reino de Deus, sólido como as montanhas de granito das quais tiraram as rochas para seu Templo; a estas almas humildes, grandes em fé, grandes em obras, grandes em vidas justas, grandes no estabelecimento de nossa herança de valor inestimável; a estas almas, eu, humildemente, ofereço minha gratidão, meu respeito e a minha reverente homenagem.

Fé, Essa Conquistadora

(continuação da página 211)

ção de haver arrastado aquêle homem, esvaíndo-se em sangue através do caminho, sem lhe conceder o privilégio de morrer em paz, combinada com o abandono de seu corpo à sanha dos lôbos e abutres, era mais do que eu podia suportar.

Minha imaginação figurava ainda outra cena. Na direção sul, à distância, podíamos contemplar um grande fogo, ao redor do qual, pressumíamos, os navajos desenvolviam uma dança de guerra sôbre o escalpo de nosso irmão.

Depois, a idéia de transmitir a seus pais e a sua afeiçoada irmã, todos velhos conhecidos meus, a notícia dêsses horrores, magoou-me como flechas ponteagudas, resultando nas mais amargas reflexões que jamais experimentei em minha vida.

CAPÍTULO XI

Ao despontar o dia, um navajo acercou-se de nós, e pediu-me que lhe dêsse um presente. Eu o dei, e quando êle se voltou, reconheci em seu coldre o revólver do Irmão George A. Smith, Jr..

Logo trilhávamos para o acampamento de Spaneshanks, onde encontrámos água, grama e amigos.

Ao anoitecer, um mensageiro índio chegou e teve uma entrevista com Spaneshanks.

Informou-nos o intérprete de que a mensagem dirigida aos nossos hospedeiros pelo bando, era de matar-nos aquêla noite, ao que Spaneshanks replicára que naquêle território, êle era chefe, e não seríamos molestados.

Soubémos mais tarde que o grupo que armára a encrenca era de Forte Defiance.

Fomos advertidos de que à nossa frente havia um estreito desfiladeiro, onde os navajos tinham surpreendido os Utes a pouco tempo, matando seu chefe Wahnonee, e que possívelmente atacar-nos-íam no mesmo local.

Deixamos o acolhedor Spaneshank no decorrer da manhã, e empregando bem nosso tempo, abeberamos os animais e os abrigamos numa plataforma rochosa antes do anitecer.

Cortes e fendas profundas a norte e a leste, tornavam nosso abrigo inexpugnável, exceto pela trilha que havíamo seguido. Colocámos um vigia na parte mais difícil da picada, e sentímo-nos a salvo, pela primeira vêz em seis dias. De manhã descobrímos um fuzil despedaçado, tiras de mantas e roupas bem como outros sinais de que era aquêle o local em que os Navajos tinham levado vantagem sôbre os Utes.

A dois dias de distância do acampamento de Spaneshanks atravessámos o rio Colorado. Quatro dias mais tarde, nas Montanhas Buckskin, os Piutes cumuláram-nos com abundância de pinhões.

Formámos uma provisão preciosa, porquanto nossos víveres já escasseavam.

Alcançamos o lar em Santa Clara, cinco dias depois, exaustos e depauperados pelas peripécias e apreensões suportadas.

Nossos parentes e amigos tinham estado muito preocupados conosco durante o período de ausência. Alguns tiveram mesmo sonhos pressagiadores, sendo atormentados por lúgubres presentimentos. Um rapazola, sobrinho meu, disse a sua mãe que algo acontecia comigo, pois me vira caminhando sòzinho, a chorar copiòsamente, e à sua pergunta sôbre o que me aborrecia, recebeu a réplica "Não me pergunte, pois é horrível demais para se contar."

Enviei um exaustivo relato do desastre ao Presidente George A. Smith, e isso o trouxe até minha casa em Santa Clara.

Comentando a aventura êle falou, "Fiquei muito atúrdido com a morte do meu rapaz, mas após bastante reflexão, todos nós, no Escritório do Historiador, chegamos à conclusão de que o Senhor desejava meu filho exatamente da forma por que o levou."

O Presidente Young também era do mesmo parecer.

Após êste colóquio, o Irmão Smith entregou-me uma mensagem do Presidente Young, na qual requisitava uma companhia de vinte homens para recolherem o que fôsse possível dos restos do Irmão George A. Smith, Jr. O

inverno tendo já principiado, considerei isso uma tarefa difícil.

Precisei ir até Parowan, a uma distância de mais ou menos setenta milhas, atrás de homens e víveres. Cumprida esta parte, logo estávamos a caminho.

Nossa rota era bastante árdua na estação hibernal. A travéssia do Colorado é profunda e perigosa em qualquer época do ano, mas especialmente arriscada quando o gêlo fica movediço. Algumas vêzes deparávamos com rochas escarpadas para escalar, outras, nossa trilha muito estreita e tortuosa, sepeava a borda de profundas e quase perpendículares fendas na penedia, onde um passo em falso nos podia atirar, ou a nossos animais numa garganta de centenas de metros de profundidade. Ocasionalmente o precipício estava coberto por gêlo, o qual precisava ser removido com machadinhas, antes que conseguíssemos firmar o pé com segurança.

De certa feita, aguardamos até que o sol à pino derretesse o gêlo e a neve acumulados sôbre um íngreme rochedo, para que pudessémos abrigar na plataforma superior, nossos animais que perigavam numa ravína. Nessa ocasião, minha mula de carga escorregou e caíu, rolando e deslizando até a quase um metro de distância do abísmo. Atada fortemente por um laço de grande resistência, conseguímos rebocar a mula, salvando assim o animal e a carga.

Alcançando o local em que abandonamos o corpo do Irmão Smith, encontramos a cabeça e alguns ossos maiores, que ageitamos da melhor forma possível, para transportar. No último acampamento que fizemos durante o retôrno, o chefe que tinha comandado os Navajos hostís contra nós na excursão anterior, procurou-nos com sua espôsa, dizendo que se já conhecesse o que veio a aprender sôbre nós mais tarde, ter-nos-ia protegido em vez de perseguir.

Nada de especial ocorreu em nosso regresso. Dirigi-me a Salt Lake City com os restos do Irmão George A. Smith, Jr., entregando-os a seus amigos.

Isto completou uma das mais turbulentas séries de circunstâncias de minha vida. A desgraça sòmente não foi maior, devido à boa Providência de Nosso Pai Celestial, e à fé e confiança mútua dos irmãos envolvidos.

O Presidente Young ofereceu-se para indenizar nossa viagem, porém eu repliquei que ninguém fizera qualquer despesa, e por mim, preferia aguardar até a ressurreição dos justos pela recompensa.

Ao chegar em Mountain Meadows, encontrei minha família sem provisões, e as estradas bloqueadas pela neve, de forma que qualquer junta de bois não podia ser introduzida nem retirada da montanha. Eu tinha deixado os meus com abundância de alimentos, mas êles os haviam emprestado a seus vizinhs. Vi-me pois, na contingência de transportar farinha e combustível, para êles, num trenó manual.

(continua no próximo mês)

"Porque todos deveriam se interessar por genealogia"

Por Elder Adolfo Oscar Dittrich
Supervisor do Comitê Genealógico da
Missão do Sul

Desde que as buscas, a elaboração de registros e o trabalho no templo são, em grande parte, concernentes a o povo que ora vive na mortalidade, bom seria determinarmos qual a extensão da importância dêsse trabalho pelos mortos.

A existência continua sem interrupção, pelo mundo espiritual. Por sua própria natureza, os espíritos são imortais; foram assim criados na pré-existência. Na mortalidade, recebemos corpos físicos. Com a morte os tabernáculos físicos são temporàriamente postos de lado. Mas a identidade continua mesmo numa existência após a morte. O nascimento na mortalidade é a passagem de um estado de existência a outro — uma espécie de morte do estado precedente. Da mesma forma, o nascimento na vida próxima, é a passagem a êsse estado, sendo também uma morte.

Quando as pessoas deixam de lado o seu corpo mortal, nós as chamamos "mortais". Num sentido mais significativo, não estão mortas, pois o espírito contínua a existir num novo período de progressão. Se o estado da morte não é caracterizado pela perda da consciência, por que deveríamos acreditar que a vida próxima nos destina à inatividade? A alma humana tráz inerentes, existência e atividade contínuas, e num sentido mais verdadeiro, não deveríamos pensar em nossos bem-amados que já faleceram, como "mortos". Muitas pessôas a quem conhecemos como mortas estão sem dúvida muito mais "Vivas" e ativas do que algumas com as quais vivemos. Isto é verdade especialmente com respeito à atividade mental e moral. Estão inteiramente vivas e ativas no próximo estágio de existência e progresso.

A seguinte afirmativa sôbre a imortalidade da alma, é de autoria de William Jennings Bryan: "se o Pai toca com o poder divino o coração frio e sem pulsações de um guiso de carvalhos, deixará êle esquecida na terra a alma do Homem, feita à imagem de seu criador? Se êle dá à roseira cujas flôres já murcharam e flutuam levadas pela briza fria do Outono, a certeza de outra primavera, recusaria êle aos filhos dos homens, palavras de esperança, quando chega o frio de inverno? Se a matéria, muda e inanimada, apesar de transformada pelas fôrças da natureza numa multidão de formas, jamais pode morrer, sofrerá o espírito do homem destruição, após ter feito uma breve visita, como hóspede real, a esta habitação de argila?... Tenho tanta certeza de que viveremos novamente, como tenho de estar vivendo hoje."

Uma comunicação formal entre vivos e mortos foi estabelecida no passado, e ainda o é — em raras ocasiões e por motivos muito importantes. A necessidade de tal comunicação ainda existe apesar do trabalho de Deus estar se tornando bem estabelecido na terra e ter êle autorizado servos para representa-lo aquí. Esta é, então, uma distinção real entre os vivos e os mortos: um fino véu separa as duas esféras; estávamos lá ontem e aqui estamos hoje, ou aqui hoje e lá amanhã. Uma visão maravilhosa concedida a José Smith e Olívio Cowdery, em três de abril de 1836, penetrou êsse véu. Podemos ver um relato desta visão na sentença: "O véu foi tirado de nossas mentes e abertos os olhos de nossos entendimentos". Naquela ocasião, quatro sêres imortais apareceram com mensagens importantes.

Algumas necessidades dos mortos podem ser atendidas pelos vivos, e, nêsse ponto, êles dependem de nós.

Certas tarefas e ordenanças que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias crê serem necessárias para um alto grau de salvação, devem ser realizadas nesta terra, pois envolvem o corpo físico. Se qualquer

dessas ordenanças deixar de ser realizada na vida mortal, precisa ser realizada vicàriamente, por um ser vivo. Daí, nosso "Trabalho pelos Mortos", e a necessidade de templos para êsse trabalho e propósito, como também para o trabalho dos vivos; e quanto mais próximo fôr o parentesco com o que partiu, maior a obrigação. Desde que, como prèviamente dito, tais ordenanças são consideradas necessárias para o progresso, até um grau mais alto de salvação, que maior trabalho poderia ser feito em favor de nossos mortos do que a necessária pesquiza e ordenança para uní-los a nós no próximo mundo? Que maior trabalho poderia uma pessôa render a outra do que contribuir para sua eterna salvação?

O trabalho pelos mortos glorifica tanto a nós como a êles. Portanto, nosso auxílio não é ùnicamente uma questão de caridade para os que morreram. "Pois nós não poderemos ser perfeitos sem êles e nem podem êles sem nós ser perfeitos."

Quanto mais próximos estiverem de nós, mais precisaremos de sua felicidade em nosso próprio progresso na existência futura. Nossa exaltação está presa à sua e para nos aperfeiçoarmos, necessitamos de sua cooperação. Na vida futura, esperamos estar juntos de nossos parentes mais próximos. Seria uma falha em nossa felicidade o herdarem êles uma glória menor. Isso é verdadeiro especialmente em relação aos que, nesta vida reconhecem as relações de família como sendo possíveis e ideais. Os membros de uma grande família, aqui na mortalidade, podem esperar associação contínua na vida futura. O evangelho de Jesus Cristo torna possível tais associações.

Além disso, o trabalho pelos mortos auxília o aperfeiçoamento de nossas vidas, mas a devoção demonstrada pelo gasto de tempo e meios, nas buscas, elaboração de registros e realização de ordenanças no templo (por aquêles que são substitutos dos que não oficiam), são grandes meios de desenvolvimento de caráter para a maioria dos que realizam aquêle trabalho. É uma caridade — um verdadeiro trabalho de amor, um serviço muito importante por aquêles que não podem ajudar-se a si mesmos.

A identificação dos mortos nos cientifica de que essas pessôas um dia viveram. Temos a oportunidade de conhecê-los e nos interessar por elas; cremos que, estar realizando por elas um trabalho necessário à exaltação, cria amor, procuraremos promover a felicidade dêles, como também promover a nossa felicidade e desenvolvimento espiritual. Esta satisfação será tanto maior quanto mais próximo fôr nosso parentesco com aquêles com os quais nos preocupamos, pois os sentiremos, então, nossa própria carne e ossos. "Nós sem êles nada seremos, e êles nada serão sem nós."

Testemunho ser êste um grande trabalho que devemos fazer para a salvação, tanto nossa quanto dêles. O templo a ser construído no Brasil está dependendo de nosso trabalho. Se procurarmos trabalhar e ser "Salvadores no Monte de Sião", teremos, brevemente, um templo aqui no Brasil.

Eu Gostaria de Saber

(continuação da página 205)

Evangelho, porém, uma grande promessa, que revela a justiça e a misericórdia de nosso Pai Eterno. É a promessa de que o Evangelho será ensinado a **tôda alma**; como está escrito:

"Pois na verdade, a voz do Senhor se dirige a todos os homens, e ninguém escapará e não há ôlho que não verá, nem ouvido que não ouvirá, nem coração que não será penetrado. E os rebeldes serão tomados de muita tristeza, pois suas iniqüidades serão proclamadas de cima dos telhados, e descobertos os seus atos secretos".

Esta promessa pode ser cumprida sòmente por se levar o evangelho aos mortos que viveram e morreram sem oportunidade de recebê-lo. Porisso foi o plano preparado desde o começo, que o Evangelho seja levado a todos, mesmo aos mortos que morrerem sem conhecimento dêle.

A NOVA ERA

E A CONSTRUÇÃO DE CAPELAS

Com muito esfôrço, os membros do primeiro ramo de Curitiba já levantaram sua parte financeira exigida pela Igreja para iniciar a construção. O presidente atual do ramo Antônio Cequenil participou da cerimônia domingo, com Max Rezler — segundo conselheiro. Irmão Kaiser Balbinoti foi aprovado pelo Presidente da Igreja para trabalhar como Superintendente da obra, e assim vai dirigir a construção. Os membros da presidência do ramo e da Presidência do Distrito vão trabalhar para terminar a construção dentro do prazo de dez meses.

A Missão Brasileira do Sul realizou o lançamento da pedra fundamental para o primeiro ramo de Curitiba, na Av. Iguaçú, Domingo dia 22 de Maio de 1960. Esta vai ser a terceira capela da Igreja de ser erguida no sul. A primeira foi construída em Joinville, e a segunda em Ipoméia.

O Presidente Asael T. Sorensen estava presente e discursou sôbre a história da aquisição dêsse terreno, as responsabilidades dos membros, e as grandes bençãos e benefícios para os irmãos por terem o privilégio de construir esta capela. Presidente Gustav Salik, presidente do distrito de Curitiba, explicou que êste será um monumento a Deus, da fé dos Santos do primeiro ramo.

MEU TESTEMUNHO

Aurora Cordeiro
do Ramo de Pinheiros

Há vários anos eu vinha sentindo uma tristeza profunda, um vácuo dentro de mim, falta de finalidade na vida. Dizia sempre: "Vivo porque tenho de viver mas não vejo razão de estar aqui". Pedia insistentemente ao Pai que tirasse de mim aquêle vácuo. Estava disposta a tudo em troca de uma paz íntima. Procurei trabalhar na minha Igreja ativamente, participar das reuniões, visitar os membros. A tristeza estava sempre presente, mesmo quando estava numa festa sentia que não era aquilo que eu buscava. Enquanto os outros se divertiam eu tomava parte mecânicamente.

Desde o início de 1959 eu intensificara as minhas orações, incluíndo pela primeira vez o jejum à oração. Orava em casa, quando ia para o trabalho, quando estava dentro de uma condução. Adormecia orando e acordava orando. Deixei de sentir crise de tristeza mas o vácuo permanecia. Perguntava ao Pai se queria que eu fôsse missionária, eu seria tão logo quanto possível. Se o meu dever era contínuar exercendo minha profissão de enfermeira que eu me sentisse completa dentro dela. O vácuo contínuava.

Decidí iniciar um curso completo de teológia para melhor trabalhar na igreja à qual pertencia, falei com o meu pastor e êle disse que oraria por mim, eu deveria fazer o mesmo, não deveríamos precípitar mas esperar a resposta do Senhor. Junto oramos antes que eu deixasse a sala dêle. Na minha presença êle telefonou para a Faculdade de Teologia, procurando a possibilidade para eu iniciar o curso em 1960. Deveríamos orar e preparar durante o restante do ano. Isto aconteceu no final de setembro de 1959. Em outubro fui convidada a orientar um serviço de enfermagem num hospital em Piracicaba. Lá pela primeira vez em consideração a amigos entrei na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Ao voltarmos para casa me perguntaram se eu havia gostado. Fui sincera quanto ao que sentia e disse que não. Conversamos naquêla noite até tarde a respeito de José e sua descendência. Por curiosidade disse que iria ler mas sem nenhum sentimento religioso. Voltei para São Paulo e não pensei mais no livro. Dentro de mim o vácuo era intenso. Estava um dia orando em jejum, (devo ter orado até a 1 h da manhã). Pedí ao Pai para exigir o que quizesse de mim mas tirasse o vácuo. Durante o período de oração vinha em minha mente: "Leia o Livro de Mórmon". Procurei afastar da idéia êsse pensamento e contínuei a orar, porém vinham novamente as mesmas palavras, para lêr o Livro de Mórmon. Assim foi durante todo o tempo que orei.

Eu não sabia nada de tudo quanto dizia respeito à Igreja, nunca tivera antes curiosidade de tomar conhecimento algum com a Igreja dos Mórmons. Agora sentia ansiedade de ter o Livro em minhas mãos. Queria comprá-lo, lêr vagarosamente e fazer comparações com a Bíblia.

Pedí a uma colega minha, membro da Igreja, com a qual eu nunca tocàra no assunto, que me comprasse o Livro. Ela me emprestou "Quem são os Mórmons". Lí-o em 24 h e disse ter gostado mas não era aquêle o meu pedido. Fui informada de que os missionários preferiam me orientar antes de vender o livro. Eu preferia lêr. Diante disto resolvi tomá-lo emprestado. Gastei mais de 15 dias nessa busca e finalmente comecei a lêr com avidez, sedenta de saber. No dia 23 de Novembro por minha livre vontade fui a uma festa da Sociedade de Socorro. Nêsse dia marquei com Elder M. B. Cox Jr. para 3 dias mais tarde a minha primeira lição. Na segunda aula Elder Cox disse: "Haverá batismos dia 26 de dezembro, quem sabe você poderá receber isso como presente de Natal?".

Recebí instrução durante um mês, guardei silêncio absoluto em casa e para os amigos, pois não queria interferência, estava feliz e não desejava ser perturbada.

Dia 26 de dezembro amanheceu escuro e com sinal de chuva, depois começou a clarear até se tornar uma tarde linda de sol. Eu me preparei com roupa para o batismo, saí silenciosamente sem que ninguém percebesse minha saída. Ao chegar ao portão o carteiro trazia um telegrama sem nome do destinatário, po-

deria ser para mim ou de qualquer pessoa de casa. Meu dever seria voltar e entregar o telegrama para ser aberto. Se eu voltasse teria de justificar minha saída com a maleta. Guardei o telegrama comigo e seguí para a Casa da Missão. Não havia lá ninguém dos meus conhecidos anteriores mas havia um número bem grande de missionários e apenas uma pessôa para ser batizada na tarde mais linda que tivera aquêle ano. Eu não pedi ao Pai Celestial para me fazer mudar de religião, pedí para tirar de mim aquêle váculo profundo e a falta de finalidade na vida.

Êle não respondeu como eu havia pedido mas respondeu, porque agora sou plenamente feliz e pela primeira vez em minha vida posso dizer: Sou capaz de deixar pai, mãe, irmãos, por amor do evangelho, pois bebí daquela água que Jesus ofereceu à Samaritana "Quem beber da água que eu der nunca mais terá sêde".

MEU TESTUNHO por Augusta Martins do Ramo de Pôrto União

Quando eu tinha onze anos de idade e meu irmão mais jovem tinha dez, aconteceu que êle ficou doente por causa do coração. Um dia eu fique a sós com êle, para cuidá-lo. Era de manhã e saí do quarto onde êle estava, quando repentinamente me chamou de volta, "Augusta, venha cá..." Eu voltei e êle me disse que tinha visto, atrás de mim, quando eu saía do quarto, meus avós e que os pès dêles não tocavam o chão. Meu irmão disse na próximo semana naquêle mesmo dia, êle morreria. Êle mencionou que seria as 10:15 horas, que era para mim observar no relógio. Também disse que" no próximo domingo, quando meu outro irmão George e eu fôssemos à Escola Dominical, iríamos encontrar uma senhora que nos levaria a uma outra Igreja e que ésta era a Igreja.

Sendo jovem, não prestei muita atenção e quando meus pais voltaram êle repetiu para minha mãe o que havia me dito. Ela, sabendo que êle morreria da doença que tinha, foi sòzinha a um quarto chorar. No dia marcado, meu irmão morreu as 10:15 horas da manhã. Domingo, quando meu irmão George e eu estavámos caminhando para a Igreja, encontramos uma senhora que perguntou-nos aonde íamos. Respondendo, dissemos que estavámos nos dirigindo à Igreja para a Escola Dominical. Então ela nos convidou para assistirmos a Escola Dominical em sua Igreja. Meu irmão perguntou-me "vamos Augusta?" e respondi, "esta bem, vamos". Gostamos muito e convidamos nossa mãe para assistir a próxima reunião conosco. Era uma reunião de testemunho e ela não gostou muito. Convidamo-la para assistir a próxima Escola Dominical no domingo seguinte e daquela vêz ela gostou, (talvez tenha se lembrado que era a Igreja que seus pais quizeram pertencer) e assim encontramos a verdadeira Igreja de Jesus Cristo.

Ainda que eu fôsse membro da Igreja de Jesus Cristo, recebia instruções de um pastor da Igreja Luterana, porque meu pai era luterano e contra nossa Igreja. Quando chegou o tempo em que eu devia ser confirmada na Igreja Luterana, minha mãe aprontou um novo vestido, o que era necessário, dizendo para mim que iríamos à Igreja Luterana quando viesse a hora da confirmação e depois poderíamos ir à Igreja de Jesus Cristo, para a Escola Dominical. Fiquei muito contente, especialmente porque teria um vestido novo para a Escola Dominical em nossa Igreja. Mas nosso pai prontificou-se a ir conosco à Igreja Luterana, o que acarretaria não podermos irmos para a Escola Dominical. Minha mãe e eu, fomos então orar, num quarto fechado. Ela orou sòzinha e quando terminou, entrou meu irmão muito exitado anunciando que o cavrito que estava comendo e esperando com o carro. Êste acontecimento tornou impossível nossa ida à Igreja Luterana. Meu pai mudou suas roupas e minha mãe e eu fomos à Igreja de Jesus Cristo.

Meu pai era tão contra a Igreja que decidiu que mudaríamos para a Argentina, onde êle pensava, a Igreja não existia. Porém, eis que encontramos a Igreja lá também.

Depois, meu pai fez nova mudança para Ipoméia, pensando que ela não poderia, de maneira alguma, existir no mato, (naquela época, em Ipoméia só existia mato e animais ferozes). Minha mãe nunca esqueceu sua religião e contínuou trabalhando com a obra geneológica para nossa família. Um dia, quando eu tinha 17 anos de idade, minha mãe estava na cozinha quando apareceu-lhe uma luz tão brilhante, tão linda e no meio dêssa luz ela viu seus pais vestidos nas roupas em que foram enterrados. Meu irmão estava com êles, e quando apareceram estavam sorrindo e muito felizes. Pouco tempo mais tarde recebemos uma visita do Presidente da Missão Argentina. Êle nos disse que no mesmo dia em que apareceram os pais de minha mãe, o trabalho no templo foi feito por êles nos Estados Unidos.

Todos êstes acontecimentos são testemunhos para mim, de que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a verdadeira Igreja restaurada aqui na terra nestes últimos dias.

SEU RAMO

Ramo de Niterói

Cênas da comédia "O Novo Ótelo" e do poema adaptado ao teatro, "A Órfã e a Engeitada", na interpretação dos irmãos Marcelino Castechi, Ricardo Bastos e das irmãs Aurora e Alda Lopes e Euvanice e Maiza Castechi, sob a direção do irmão Luiz Maia.

No dia 24 do mês de abril, com a presença do Presidente da Missão, Elder Wm. Grant Bangerter e do Presidente do Distrito, Elder John H. Grant, bem como de uma numerosa e seleta assistência, com a participação de irmãos e irmãs dos Ramos da Tijuca e de Ipanema, a A.M.M. fêz encenar em seu palco, sob a direção do encarregado de drama, o irmão Luiz Maia, a comédia "O Novo Ótelo" e o poema adaptado ao teatro, "A Órfã e a Engeitada", em benefício da **CONFERÊNCIA DOS JOVENS.**

A interpretação da comédia "O Novo Otelo", estêve a cargo dos irmãos Marcelino Castechi, Ricardo Bastos e das irmãs Aurora e Alda Lopes. O poema "A Órfã e a Engeitada", foi vivido pelas irmãs Evanice e Maíza Castechi. Todos os intérpretes mereceram os entusiásticos e prolongados aplausos com que a numerosa assistência premiou seu abnegado trabalho, tendo feito jús aos elogios que receberam dos Presidentes da Missão e do Distrito, pela magnífica impressão que aquêle espetáculo lhes causou.

Foi uma noite de felicidade para o nosso ramo, pois o Espírito Santo ficou conosco, permitindo assim que reinasse entre nós a mais elevada compreensão do amor da família mórmon. Seria uma injustiça imperdoável, se ao finalizar esta reportagem, deixássemos de citar a boa vontade e o carinho com que os Élderes George A. Oakes e Bruce O. Jensen nos assistiram na preparação do espetáculo, sendo em verdade os responsáveis pelo sucesso dessa memorável noite, e aos quais deixamos aquí consignados os nossos agradecimentos, bem como a todos os membros do ramo.

RAMO DE LONDRINA

Por Eoremi Vincoleto

A A.M.M. programou e assistimos à "Dança das Damas", a 16 de abril. Os rapazes exibiram como show "esquetes" gozadíssimas e as moças apresentaram números de dança como "Dança do Pézinho" e "Banho de Lua". Estêve animadíssimo o nosso programa. Gostaríamos de mencionar os nomes de Ana Maria Petry, Jacinir Camerlingo, Lídia Shimo Nishi e Eoremi Vincoleto, pelos trabalhos realizados no show das moças. Estendemos ainda nossos agradecimentos aos amigos Ângelo Gaioto e José Ondei, contando sempre com a sua cooperação.

A Primária ficou encarregada de um programa especial, festejando a Páscoa, no dia seguinte. As crianças em número de 17, demonstraram seus talentos declamando e cantando, e receberam ovinhos de Páscoa e comeram os doces preparados pelas suas mamães. Aos oficiais da primária e às Sisters, os nossos parabéns e que haja cada vez mais progresso. Agradecemos e incentivamos o PADRÃO apresentado pela Primeira Conselheira, mostrando doravante maior reverência para com a capela e para com o Senhor.

A A.M.M. realizou a 21 de abril um Pic-nic no Balneário Tibagi, e depois de uma oração oferecida pela Sister Olpin, partimos, levando no rosto a euforia daquela ocasião fes-

tiva, em que tanto nos divertimos. Participaram 50 pessoas com as quais confraternizamos no futebol, gincana e na formidável salada de frutas. Porém o que mais nos entusiasmou foi a presença, entre nós, de visitantes do Ramo de Apucarana. O Pic-nic rendeu cêrca de Cr$ 300,00 livres para o fundo da nossa A.M.M.

Reconhecimentos na Missão Brasileira do Sul

Motivado por atividade particulares e exemplos dignificantes além dos meios da Igreja, queremos dar reconhecimento a três de nossos jovens, os quais destacaram-se nêsse sentido.

São êles, Rose Mary Aidukaitis, Jorgi Aoto e Harry Edmundo Klein.

ROSE MARY AIDUKAITI, do Ramo de Pôrto Alegre-2, após um intenso ano de estudos, completou seu último ano na Escola Superior de Educação Física de Pôrto Alegre.

Ao completar o curso, Rose Mary mereceu os dois únicos prêmios existentes, recebendo duas medalhas de ouro; pelas melhores notas

Irmã Rose Mary Aidukaitis
Pronunciando o juramento de professôras.

nos exames e pela maior média de notas durante o ano.

Além de boa aluna, Rose Mary ainda é uma companheira excepcional. Joga volei e basquete em um grande clube de Pôrto Alegre, o que já lhe tem grangeado diversos títulos. Já integrou a seleção gaucha de basquete que disputou o campeonato brasileiro em Sorocaba e foi convocada diversas vêzes para seleções de volei. Também integrou tôdas as seleções gauchas universitárias que se realizaram desde que é universitária, tendo sido, inclusive, convocada novamente para a seleção

Elder Jorgi Aoto

de basquete nêste último campeonato brasileiro, sòmente não participando dos ensaios por causa da conferência dos jovens que coincidiu com essa época.

Rose Mary, durante o campeonato Sul Americano de volei, marcou um ponto para o laureado, no clube em que joga, ao vencer a seleção de volei do Perú, que disputava o mencionado campeonato.

Seu nome foi reconhecido durante a conferência dos jovens e assim sendo, desejamos que ela sempre continue exemplificando peran-

Harry Edmundo Klein

te todos, através de suas atitudes, a vida e ensinamentos do evangelho de Jesús Cristo.

JORGI AOTO, do Ramo de Curitiba-2, igualmente, após uma época inteira de bons exemplos, terminou o curso de Educação Física na Escola de Educação Física de Curitiba.

Também Jorgi Aoto, como melhor aluno, conquistou o primeiro prêmio dentre todos os seus colegas formados em 1959. Além dêste lugar de destaque, êle fêz por merecer a mesma posição durante todos os anos de duração do curso.

Além de bom aluno, Jorgi Aoto é ainda um companheiro de todos. É sobretudo um perfeito desportista, e além de praticar basquete, volei, futebol de salão e natação, possue grande disciplina na ginástica de solo.

Durante a conferência dêste ano, seu nome foi mencionado pelos seus exemplos, e durante a mesma, ainda mereceu um lugar de honra entre os melhores conhecedores do evangelho de nossa juventude, respondendo sôbre o livro "Regras de Fé".

Jorgi Aoto já completou missão de tempo integral durante um ano, e embora êste tempo terminasse, sua missão tem continuado através de seu trabalho dentro da Igreja e seus exemplos dignificantes em todos os lugares.

Que todos nós possamos nos mirar e procurar seguir os passos exemplares dêste nosso irmão de Curitiba.

HARRY EDMUNDO KLEIN, do Ramo de Pôrto Alegre-2, tem se tornado nêstes últimos tempos, a revelação do remo sul-riograndense. Em apenas alguns meses de treino, Harry conquistou a posição de titular em várias guarnições de remo no seu clube, indo logo em seguida representa-lo em competições internacionais na Argentina.

Continuando com sua disciplina exemplar e sua tenacidade e fôrça de vontade em vencer, Harry grangeou a posição de campeão da cidade e foi representar o Rio Grande do Sul no campeonato brasileiro de remo, realizado no Rio de Janeiro, onde sagrou-se campeão brasileiro desta modalidade esportiva.

Notamos que Harry não estêve entre os jovens da Igreja na conferência dêste ano, justamente pelo fato de que na época, após tornar-se campeão brasileiro de remo, realizava eliminatórias para o campeonato Sul Americano, que teria lugar mais tarde, em Montevidéu, no Uruguai.

Embora não vencessemos em Montevideu, Harry Klein e sua guarnição mostraram que realmente ainda eram os melhores, chegando três barcos à frente do segundo colocado, no páreo que disputaram.

Êste feito em Montevidéu valeu-lhe ser escolhido para representar o remo brasileiro nas próximas olinmpíadas em Roma, onde por certo encontrar-se-á com outros nossos irmãos de vários países.

Seu nome também foi mencionado durante a conferência dos jovens, quando ainda lutava pelo título brasileiro, e dêsta feita procureremos espelhar-nos em seus exemplos de bom Santo dos Últimos Dias, principalmente no que tange ao cumprimento da palavra de sabedoria, assim permitindo-lhe uma grande parte no plano do evangelho, pela responsabilidade que têm sôbre si em exemplificar através de seus atos, o nosso padrão.

Aos jovens, Harry Edmundo Klein, Jorgi Aoto e Rose Mary Aidukaitis, o nosso reconhecimento.

MISSIONÁRIAS DESOBRIGADAS DA MISSÃO BRASILEIRA

Reminiscências

Sister
Phyllis Merrill
Blackfoot, Idaho

Sister
Yone Paiva Guarany
Petrópolis

Sister
Darcy Finatti
Vila Mariana

A CASA DAS JANELAS DOURADAS

Era uma vêz um menininho que morava no extremo leste de um lindo vale. Tôdas as manhãs, quando o sol se erguia, êle fitava, no outro lado do seu vale, uma mansão com janelas douradas, e a medida que os raios do sol refletiam-se através da várzea, o menino se extasiava em admiração e encantamento. Êle meditava em quão lindo deveria ser a gente poder habitar uma casa de tal elegância e esplendor. Depois, voltando-se para contemplar as encardidas janelas de seu próprio lar, tão humilde, sentia a amarga e horrível melancolia do desencorajamento.

O tempo prosseguia, e enquanto êle demorava os pensamentos na inferioridade de suas condições, ia-se tornando mais e mais deprimido. Seu descontentamento cresceu de dia para dia, e finalmente, o anseio de viver no outro lado do vale tornou-se tão absorvente que não lhe foi mais possível resistir ao apêlo. O garôto decidiu-se, pois, a abandonar o lar em que nascera, buscando uma nova vida, lá do outro lado do vale, na linda casa das janelas douradas.

Na manhã seguinte, bem cedinho, partiu para a jornada, e durante todo o dia, arrastou-se pelo caminho. Quando já estava quase alcançando o outro lado do vale, nosso meninozinho começou a procurar sua linda casa, mas para seu grande desapontamento, ela não estava mais à vista. Como que por um passe de mágica, a casa das janelas douradas havia desaparecido! O sol estava quase se escondendo, e a noite cairia muito breve. O menininho estava longe do lar, faminto, sòzinho e amendrontado. Sentando-se, procurou então tomar alguma decisão. Enquanto o fazia, voltou-se para trás, fitando através do vale, a longa estrada que vinha de percorrer. Mas e que nos apresentemos ao Senhor com um coração quebrantado e um espí-as janelas a refletir raios dourados, eis que se alteava a sua própria casa. Então, e com grande perplexidade percebeu, que "sua casa" era a casa das janelas douradas.

Não é difícil aprender a orar. Não são as palavras que usamos o que constituem particularmente a oração. A oração não consiste exclusivamente de palavras. Uma oração sincera, fiel e fervorosa consiste mais no sentimento que nasce do coração e no desejo íntimo de suplicar ao Senhor em humildade e em fé, para que possamos receber Suas bênçãos. Não importa quão simples sejam as palavras, contanto que nossos desejos sejam puros e que nos apresentemos ao Senhor com um coração quebrantado e um espírito contrito, agradecendo-Lhe por tudo e pedindo-Lhe as coisas que necessitamos.

Os passados 6 meses de 1960 têm encontrado, por suas características, posição entre os mais históricos meses da civilização. Cada novo dia reserva uma surprêsa, algo nunca sonhado anteriormente. Aqui em nosso país, presenciámos a inauguração da mais moderna capital do mundo construída onde muitos achavam impossível. A história combinada com a arquitetura moderna é um símbolo, para o mundo inteiro, das coisas por vir.

Nossa capa fronteira retrata o milagre que ocorreu entre um povo que já estava vivendo dentro de uma nova era, era na qual o mundo testemunhou o soergimento de uma civilização em local acreditado impossível. Isto ocorreu algumas centenas de anos atrás, e desde então cada década têm feito desabrochar do impossível uma nova surprêsa.

Possa a década entrante presenciar uma combinação entre os construtores e o espírito e princípios de Cristo, com o fito de, a cada dia, tornar êste mundo um lugar para se viver. Possa ser esta a maior NOVA ERA dentre tôdas.

Devolver a
A LIAHONA
Caixa Postal 862 — São Paulo, Est. S. P.
Não sendo reclamada dentro de 30 dias.

PORTE PAGO